

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho, da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

A conquista da Africa Oriental Alemã

(Continuado de pag. 97)

Operações em 1914

Quando foi declarada a guerra pela Inglaterra á Alemanha em 4 de Agosto de 1914, a desproporção de forças militares terrestres entre as respectivas colonias visinhas na Africa Oriental era favoravel á Alemanha, mas foi compensada pelas grandes distancias, que separavam os adversarios, cujos pontos de valor militar eram constituídos pelos centros de administração europeia e pelos meios de comunicação, consubstanciados nas estações de telegrafia sem fios, nos portos de mar e nos caminhos de ferro.

As primeiras operações foram executadas pela via marítima, tomando a iniciativa as forças navais inglesas; a 8 de Agosto os cruzadores ingleses *Astrea* e *Pegasus* bombardearam Daressalam, séde do governo do Protectorado, destruindo a sua poderosa estação de telegrafia sem fios e os navios que se encontravam no porto.

As primeiras operações terrestres foram de iniciativa alemã, tendo por objectivo o caminho de ferro, que liga o porto de Mombaça a Nairobi, séde do governo da Africa Oriental Inglesa; em 17 de Agosto uma força avaliada em cem europeus alemães atravessa a fronteira de Nordeste e atacava o posto policial inglês de Taveta, localidade de importancia militar, mais tarde disputada varias vezes, por ficar situada no caminho que corre pela vertente Leste do Kilimanjaro.

Tanto esta força, como outras numerosas patrulhas, que os alemães enviaram com o objectivo de dinamitarem o referido caminho de ferro inglês, cujo traçado é paralelo á fronteira, foram sempre repelidas pelos ingleses, sem conseguirem destruir a linha ferrea. Entretanto os ingleses eram reforçados por um regimento de indianos, transportado da India em vapores de grande velocidade, vindo com este regimento o brigadeiro general J. M. Stewart, que assumia o comando.

O primeiro combate importante nesta campanha, correspondendo a uma organização de forças inicial, decorreu em 6 de Setembro, proximo do caminho de ferro, entre Mombaça e Nairobi; cerca de 300 askaris¹ (soldados indigenas) alemães defrontaram-se com 250 indianos ingleses, conseguindo estes obrigar a retirar os askaris, empregando para esse fim tres cargas de baioneta. Os indianos sofreram 35 baixas, e tendo sido o combate muito demorado em consequencia do emprego de metralhadoras e entrincheiramentos, somente no dia seguinte puderam levantar os seus feridos, que tendo passado a noite no mato foram atacados pelas feras, dando este facto origem a um cuidadoso desenvolvimento do serviço de saude no campo de batalha, com o fim de se proceder rapidamente ao levantamento dos feridos, evitando não só as feras, mas tambem as infecções, muito mais perigosas nos climas tropicais. Estes detalhes tacticos tendo sido sempre os caracteristicos dos combates no decurso desta campanha.

Outros recontros sucederam nesta fronteira durante os mezes de Setembro e Outubro, devendo citar-se o que ocorreu em 25 de Setembro, porque sendo repelidos com perdas os ingleses, quando estes voltaram ao campo de batalha depois de reforçados, examinando oito dos seus mortos reconheceram, que os corpos dalguns deles, depois de feridos tinham sido mortos a baionetadas e a tiros de revolver. (The Times history of the war., vol. X, pag. 138.

Nas outras fronteiras do Protectorado alemão, tambem os alemães tinham logo desencadeado a sua offensiva, obtendo a supremacia nas aguas do lago Tanganika, sendo tambem

¹ Askar, termo arabe significando exercito.

tipico dos seus processos, que tendo atacado o Congo Belga, o qual pretendia manter-se neutral, enquanto o governo do Protectorado estava em facil ligação pela telegrafia sem fios, com o governo de Berlim, e este portanto conhecia a situação criada em Africa, entretanto em 23 de Agosto, o governo de Berlim vendo já periclitante a situação das suas colonias, ainda propunha para Londres, conservar a neutralidade nas regiões da bacia hidrografica do Congo.

Tendo falhado as tentativas alemãs para a occupação das colonias visinhas, devido á eficaz improvisação de tropas constituídas pelos colonos europeus, as operações terrestres estiveram depois paralisadas durante algumas semanas, o que foi vantajoso para os ingleses; porque a expedição preparada na India tinha embarcado em meados de Outubro, em direcção á Africa Oriental.

A expedição indiana consistia em duas brigadas, com a organização inglesa, a quatro batalhões cada uma, sendo dois destes batalhões constituídos por tropas imperiais europeias. Com a expedição vinha o major general A. E. Aitken, que assumia o comando em chefe das forças britannicas.

Tinha sido combinado, que o grosso desta força, cerca de 6000 homens, iria directamente operar um desembarque em Tanga, com o fim de ocupar a cidade e o caminho de ferro para o planalto do Kilimanjaro, na colonia alemã.

O porto de Tanga era indefeso e a cidade fica situada a cerca de tres kilometros do porto, envolvida e encoberta por matto muito denso. Á chegada da expedição em 2 de Novembro, o comandante alemão da cidade foi intimado a render-se sob a ameaça da cidade ser bombardeada no caso de recusa, mas sendo-lhe concedido um praso para se resolver, ele aproveitou-o para entrincheirar a cidade e concentrar por via do caminho de ferro alguns reforços, que se elevaram a cerca de mil europeus.

No dia 4 de Novembro ás 11 horas iniciaram os ingleses o ataque com o grosso das suas forças, mas devido a varias dificuldades não desembarcaram a sua artilharia, nem fizeram apoiar o ataque da infantaria pelo bombardeamento das peças de bordo, de modo que, ás colunas de ataque não só faltou a preparação da artilharia, como ainda uma ligação que lhes garantisse um mutuo apoio, porquanto tendo uma das

colunas á custa de grandes sacrificios conseguido entrar na cidade, o ataque de conjunto foi mal sucedido e detido pela resistencia habilmente preparada, que os alemães opuzeram.

Os detalhes mais importantes na preparação da defesa da cidade foram, o cuidadoso emprego das metralhadoras em abrigos escrupulosamente mascarados das vistas dos atacantes e com as distancias bem reparadas, com sinais feitos por meio de bandeirolas, que surgiam quando o atacante passava sobre umas cordas superficialmente enterradas no terreno, e tambem alguns ardis, cujo efeito de surpresa desconcertou o ataque. Assim foi apontado como muito prejudicial ao ataque, o emprego pelos alemães de cortiços de abelhas exasperadas com o fumo, e que por meio de cordas estendidas no terreno se abriam na ocasião da passagem dos atacantes, causando nas fileiras dos ingleses um efeito desastroso.

Ao cair da noite o ataque tinha-se reconhecidamente malogrado, e na manhã seguinte as tropas reembarcavam sem serem perseguidas, porque os defensores muito tinham tambem sofrido.

O total das perdas inglesas subiu a 795 baixas, das quais 141 foram europeus e tendo um batalhão perdido 30 % do seu efectivo. As perdas alemãs foram avaliadas em 400 europeus.

O Kaiser a proposito da vitoriosa resistencia de Tanga, dirigiu uma mensagem ao secretario colonial Dr. Solf (que ainda conservou esse cargo, apesar das colonias terem desaparecido), dizendo nesse documento: — que se congratulava com o glorioso feito das tropas coloniais, e que o Imperio estava orgulhoso com aqueles seus filhos."

As tropas britannicas com o fim de se reorganizarem desembarcaram em Mombaça e seguiram pelo caminho de ferro para Nairobi, onde reconstituiram as sus forças fisicas depauperadas por uma acção muito curta no tempo decorrido, mas de uma violencia, de que só pode fazer ideia a experiência, devendo citar-se o facto como digno de profunda atenção, na preparação, estudo ou critica das campanhas coloniais.

O governador da Africa Oriental Inglesa, quando chegou a Nairobi uma das unidades que mais se distinguira no ataque de Tanga, dirigiu-lhe as seguintes palavras, — "Deploro as circunstancias, que obrigaram a vossa paragem tempora-

ria nesta colonia, mas ao mesmo tempo quero manifestar-vos, que não é caso para desanimar; fui informado de que a vossa conduta foi valente e com exemplar disciplina, tendo sido um exemplo de resistencia e coragem, para algumas unidades que pareciam estar muito necessitadas destas duas qualidades." *The Nongqai*, 1917. *Conquest of German East*.¹ Pag. 4. Sendo instrutivo observar, que mesmo nos poderosos exercitos ha deficiencias, devendo o patriotismo consistir em remedialas sem fazer recriminações deprimentes e portanto contraproducentes.

Enquanto a força expedicionaria desembarcava e atacava Tanga, tinha sido combinado que duas colunas inglesas invadiriam o territorio inimigo, avançando pelas vertentes ocidental e oriental do Kilimanjaro. O ataque pela vertente ocidental foi feito sobre Longido, que os alemães ocupavam fortemente; a coluna britanica formada por europeus e indianos tinha um efectivo de 1500 homens e na ultima etape marchou 24 kilometros sem encontrar agua, o que lhe enfraqueceu o impulso de ataque, o qual foi mal sucedido, tendo as forças britanicas sofrido 52 baixas e sido obrigadas a retroceder os mesmos 24 kilometros sem agua, o que lhes acarretou maior numero de baixas por doença do que as sofridas no combate. As perdas dos alemães foram avaliadas em 38 europeus e 84 indigenas, pelo que, apesar de terem repellido os ingleses, evacuaram a posição de Longido, depois ocupada pelo general Stewart, em 17 de Novembro. No ataque pela vertente oriental, á posição de Taveta, os ingleses tambem não foram bem sucedidos, tendo sido repellidos com numerosas baixas pelos alemães, mas estes sofreram bastantes perdas, porque em breve abandonavam Taveta, que por seu lado as tropas britanicas ocupavam e retinham em seu poder até abril de 1915, data em que por seu turno a tornavam a abandonar, sendo reocupada pelos alemães, que dela seriam repellidos definitivamente em 1916. O estudo destas flutuações é interessante e consequente de dificuldades que surgiam.

¹ Encontra-se na Biblioteca do Estado Maior do Exercito, contendo 200 illustrações acêrca da campanha da Africa Oriental.

Operações em 1915

Não marcou esta fase anual, operações terrestres de apreciável magnitude, nesta campanha da Africa Oriental, de que estamos procurando fazer um resumo, antes pode considerar-se esta fase como um interregno, que apesar de presumivelmente fatigar os alemães, estes aproveitaram, para não só robustecerem a sua organização militar, como também ainda aumentarem o seu material de guerra, pelo reabastecimento, que lhes facultou um navio vindo da Alemanha com armamento e munições, que conseguiu desembarcar, num dos portos do Sul do Protectorado.

A paralisação das operações neste ano pode atribuir-se a estar distraída a atenção e esforço das tropas britannicas para a conquista do Protectorado da Africa Ocidental Alemã, que se realizou no primeiro semestre de 1915, sendo dedicado o segundo semestre á repatriação das tropas dessa campanha e ao recrutamento e preparação dum grande esforço para a campanha do ano immediato no Protectorado da Africa Oriental Alemã.

Entretanto no decurso de 1915, foram realizadas operações navais, que demonstraram a amplitude dos recursos de que pode dispôr a Inglaterra, quando decididamente se proponha a esmagar o adversario, porque pode fazer convergir uma tal desproporção de forças sobre o inimigo, que torna improficua qualquer veleidade de resistencia, por mais bem preconcebida e habil, que essa resistencia se afigure; e com efeito, estas duas ultimas qualidades primaram nos dois episodios da campanha, que vamos sumariamente relatar, e dizem respeito ao predomínio disputado nas aguas do grande Lago Tanganika e á destruição do derradeiro cruzador alemão, que habilmente se escapava ás forças navais inglesas.

Desde antes da guerra os alemães tinham a supremacia naval no Lago Tanganika, cujas margens delimitavam também o Congo Belga e uma pequena parte da colonia inglesa da Rhodesia. Completando o bem dotado equipamento do seu caminho de ferro do Lago Tanganika ao Oceano Indico, os alemães tinham lançado ás aguas do Lago um vapor de mil toneladas, empreendimento que representa um avanço incom-

paravel sob o ponto de vista de preponderancia comercial e tambem de prestígio, sobre os indigenas da região dos grandes lagos da Africa Central. Logo ao começo da guerra os alemães armaram os seus barcos, que navegavam nos grandes lagos, mas somente no Lago Tanganika puderam manter o predomínio, destruindo uma canhoneira belga, o unico navio de guerra, que navegava naquelas aguas, porque os ingleses nenhum barco armado possuíam no Lago, do qual a Sudoeste só um pequeno troço delimitava a Rhodesia. Aproveitando essa vantagem inicial, conseguiram os alemães transportar do Oceano Indico para o Lago Tanganika, por meio do seu caminho de ferro e parcialmente desmontados, dois navios, um dos quais de mais de mil toneladas, que foi artilhado com peças de 10,5 centímetros, removidas de um dos seus cruzadores. Parecia assim assegurada a supremacia dos alemães no Lago Tanganika, facultando-lhes rapido e seguro transporte das suas tropas do Norte para o Sul da colonia, podendo concentrar as suas tropas contra os adversarios ora numa ora noutra fronteira.

Mas pela iniciativa individual de um antigo oficial da marinha inglesa foi então proposto ao Almirantado fazer transportar para o Tanganika, lanchas automoveis de grande velocidade e mais poderosa artilharia para destruirem os barcos alemães. Aceite pelo Almirantado essa iniciativa, em meados de 1915 saíu de Inglaterra uma pequena força naval para guarnecer dois pequenos barcos, que desmontados embarcavam até ao Cabo da Boa Esperança, para dali seguirem em comboio até a Rhodesia, fazendo ainda um grande troço do caminho em carros de bois e jangadas, para retomarem o caminho de ferro belga até ao porto de Albertville, na margem ocidental do Lago Tanganika. Montada com todo o sigilo a pequena flotilha inglesa, sendo experimentada a velocidade das lanchas automoveis, que atingia 20 milhas por hora, e o alcance das suas poderosas peças de 10,5 centímetros, que atingia 8 kilometros, rapidos foram os desenlaces dos recontros com os barcos alemães, que surpreendidos, foram rapidamente destruidos, impotentes perante a superioridade da artilharia e velocidade das lanchas automoveis inglesas.

O outro episodio característico da esmagadora superioridade, que os recursos ingleses podem assumir, quando con-

centrados, deu-se no Rio Rufiji, onde aproveitando as grandes marés se refugiara o cruzador Koenisberg, num esconderijo inacessível aos navios de guerra ingleses e tendo ainda mascarado a sua situação, colocando palmeiras e folhagem sobre o convez, removendo também as suas dez peças de 10,5 centímetros e o seu municiamento, que constituiu um poderoso reabastecimento para as forças alemãs terrestres. Em julho de 1915 reunia-se porém na foz do Rio Rufiji uma poderosa frota inglesa, disposta de hidro-aviões, transportados armados sobre grandes cruzadores auxiliares, e dois poderosos monitores, que já tinham prestado bom serviço no litoral da Belgica, com o seu forte armamento constituído por peças de 15 centímetros, e esta poderosa força, tendo fotografado por meio dos aviões a situação do Koenisberg, obteve também por meio destes, os elementos de tiro com que os monitores tendo subido o Rufiji até onde lhes foi possível, conseguiram destruir e incendiar com tiro indirecto o cruzador alemão. Entretanto os alemães opuseram pertinaz resistência a esta operação, tendo nela perdido os ingleses tres aviões, ficando aprisionados dois aviadores, e havendo na guarnição dos monitores quatro mortos e alguns feridos.

Neste ano de 1915 devemos ainda citar, pelas suspeitas levantadas, uma pequena revolta indigena, que rebentou em Janeiro no Nyassaland, na margem esquerda do Rio Zambeze, tendo sido mortos alguns colonos ingleses, mas a revolta não se propagando, porque em breve foi morto o chefe indigena, que a dirigia, sem ser reconhecida qualquer influência alemã, porquanto esse indigena educado na America, somente parecia animado de propositos religiosos, reclamando independencia.

Curiosa é porém de observar a coincidência das operações alemãs se terem em 1915 aproximado da fronteira do Nyassaland, onde os alemães se concentraram, dispondo sempre da iniciativa das operações, que contudo não tiveram grande importancia, relativamente ás operações do ano seguinte.

Devemos ainda referir, que em abril de 1915, foi nomeado comandante em chefe das forças britannicas em operações na Africa Oriental o major general M. I. Tighe, sendo assim o quarto official, que num curto espaço de tempo tinha o encargo de dirigir as operações contra os alemães.

Operações em 1916

O terceiro ano foi considerado o mais importante da campanha, podendo admitir-se, que foi iniciado com a chegada do general Smuts a Nairobi, capital da Africa Oriental Inglesa, onde estabeleceu o seu quartel general, em 23 de Fevereiro de 1916, desanove meses depois de começadas as operações.

O general Smuts, ministro de defesa da União Sul Africana, de origem boer e tendo combatido desse lado na campanha anglo-boer, fôra educado em Inglaterra e tinha a profissão de advogado, havendo-se distinguido muito na organização da campanha, que terminara brilhantemente com a conquista da Africa Ocidental Alemã¹, ao que se attribuía ter sido já convidado para assumir o comando da campanha na Africa Oriental, que só aceitou, quando o general Smith Dorrrien, vindo da campanha de França para assumir esse comando, adoeceu na cidade do Cabo da Boa Esperança.

O general Smuts, que pela primeira vez desempenhava uma comissão no exercito britânico, sendo-lhe dado o posto de tenente-general, embarcára na Africa do Sul em 12 de Fevereiro, e logo após a sua chegada teve uma conferencia com o anterior comandante, o general Tighe, cujo plano original era atacar a zona de operações do Kilimanjaro, com duas fortes colunas convergentes avançando respectivamente pelas vertentes leste e oeste do referido monte. Depois de visitar as propostas linhas de comunicações e fazer um reconhecimento na vertente ocidental em direcção a Taveta, onde no principio desse mês tinham as tropas britannicas sofrido um insuccesso, quando procediam a um ataque, o general Smuts concordou com o plano, dando-lhe porem maior envergadura na execução, com largos movimentos envolventes operados com as tropas montadas.

A este processo tactico, que caracterizou a campanha, procuraram os alemães opôr uma mobilidade e disciplina, que lhes permitiu demorarem a campanha, conservando-se em successivas posições até serem quasi envolvidos e retirando no

¹ Revista Militar n.º 7 de 1918.

ultimo momento para novas posições, e tambem executarem, quando envolvidos a distancia, movimenfos de «navette» cuja execução somente é viavel com muita disciplina e mobilidade.

A conquista da zona dos planaltos do Kilimajaro teve duas fases, obrigando as forças britannicas a duas remodelações organicas, num curto espaço de tempo, ainda que mantendo uma ordem de batalha em três divisões, bem equipadas com aeroplanos, uma bateria de automoveis blindados e outros modernos recursos para fazer a guerra. O grosso das forças inglesas, constituído por duas divisões, com o general Smuts, avançaram pela vertente oriental em 7 de Março, e os primeiros movimentos envolventes surpreenderam os alemães, cuja resistencia não satisfiz o seu comandante em chefe, coronel Von Lettow Forbeck, que ordenou uma contra marcha, aliás mal sucedida, para reocupar Taveta, que os alemães tinham evacuado, depois de uma resistencia pouco tenaz por já terem á retaguarda uma coluna britannica sob o comando do general Van Deventer.

Conforme o relatório do general Smuts, publicado na «London Gazette» de 20 de Março, as forças alemãs em 1916, eram avaliadas em 16.000 homens dos quais 2.000 brancos, com 80 metralhadoras e 60 peças. Destas forças o principal nucleo estava defrontando o general Smuts, num efectivo avaliado em 6.000 espingardas, 37 metralhadoras e 16 peças.

Na primeira fase destas operações concretisadas pela occupação de Taveta, as forças britannicas tiveram 270 baixas, sendo louvada a sua conduta pelo general Smuts, que salientou a execução dum ataque de noite feito atravez de mato muito denso; pelo lado dos alemães a repressão do comandante Von Lettow pela fraqueza referida foi cruel, porque se afirmava ter levado ao suicidio dois officiais.

Na segunda fase destas operações consubstanciadas na occupação da testa do caminho de ferro alemão, do porto de Tanga a Moshi, deram-se tres combates conhecidos pela denominação de batalha de Kilimanjaro, tendo as baixas inglesas sido 288. As perdas do inimigo não foram conhecidas, mas encontraram-se algumas centenas de sepulturas junto das linhas de comunicação abandonadas pelo inimigo na sua retirada.

Nestas operações os ingleses conquistaram a zona mais rica da antiga colônia alemã, transferindo o seu quartel general para Moshi, e estabelecendo a ligação do seu caminho de ferro com o alemão vindo de Tanga, sendo a velocidade da construção dessa ligação de uma milha (1609 m.) por dia.

Como porem nesta região proxima do equador ha duas epochas de chuvas, sendo mais copiosas, as de abril a junho, que em regra paralizam os movimentos, por causa das inundações e pantanos a que dão origem, seria de esperar uma interrupção nas operações, mas, entretanto o general Van Deventer recebia ordem para continuar em Abril a marcha para Sudueste em perseguição das forças alemãs, que cobriam o caminho de ferro central, objectivo cuja importancia já salientámos. Esta marcha pelas circunstancias dificeis e esgotantes constituiu o feito mais notavel do lado dos aliados, e apesar das grandes perdas em pessoal, animal e material, produziu um rendimento compensador, resultando dela a conquista rapida da maior parcela da antiga colônia alemã, e mostrando comparativamente, que as perdas grandes de uma acção rapida são menores do que as perdas em demoradas operações por esforços successivos.

Nesta notavel marcha de 400 kilometros, a brigada de tropas montadas sob o comando do general Van Deventer, que iniciára as operações com o efectivo de 3000 sul africanos, encontrava-se reduzida a 600 homens, tendo chegado a fazer tres etapes sem que os cavalos tivessem agua. Em 19 de Abril o general Van Deventer, ocupava de surpresa a cidade de Kondoia, 150 k. ao norte da linha ferrea central, ficando porem em bastante perigo, enquanto não chegassem os reforços, que urgentemente solicitava. Entretanto os alemães, que ainda dispunham das suas linhas ferreas, procediam á concentração de 4000 homens para bater o general Van Deventer, mas um reforço, constituído por uma reduzida brigada de infantaria, de cerca de 2000 homens sob o comando do general Berrange, chegava em 1 de Maio, tendo percorrido os 400 k. em 26 dias, porem sofrendo só com a marcha 250 baixas. Felizmente os alemães só atacaram a 9 e 12 de Maio, sendo mal sucedidos nêstes ataques, ainda que desenvolvidos com violentos assaltos, que se desfizeram com numerosas perdas, contra os entrincheiramentos das tropas britannicas, cujas

perdas se limitaram a 5 mortos e 12 feridos. As perdas sofridas desorganizaram as tropas alemãs, que retiraram perante as tropas do general Van Deventer, o qual passou a comandar uma divisão, ainda que, com efectivos muito reduzidos e quasi completamente desprovida de cavalos, por terem sido destruidos pela horse-sickness. Em fim de Julho o general Van Deventer já conseguira ocupar 160 k. no troço medio do caminho de ferro central, e esta operação muito facilitou o avanço do general Smuts a Nordeste e o avanço dos belgas a Noroeste, deslocando posteriormente o centro de gravidade da resistencia alemã, para o Sul da sua antiga colonia e vizinhança da colonia portugueza, que ia sofrer o embate do grosso inimigo, encurralado para o Sul, mais concentrado e cada vez mais aguerrido.

Em Junho de 1916, o general Smuts, depois de reorganizadas as suas forças durante a epoca das chuvas, procedia á conquista da zona de operações correspondente ao caminho de ferro de Tanga, instalando nesta cidade e porto de mar uma nova base de comunicações, que muito lhe facilitou as operações. A resistencia dos alemães nesta zona foi curta perante a decisiva superioridade das forças britannicas, mas a resistencia não foi descurada, como se pode avaliar por alguns detalhes da preparação, entre os quais se deve notar terem os alemães conseguido trazer do Rio Rufiji, duas peças de 10,5 centímetros, desmontadas do seu cruzador Koenisberg, tendo estas peças feito uma marcha de 600 k. transportadas por 500 carregadores cada uma.

A titulo de elemento de estudo para as dificuldades de organização nas campanhas coloniais, transcrevemos da historia do "Times" pag. 101, vol. 12, a organização da primeira das duas divisões com que o general Smuts operou nesta zona, mostrando como essas tropas tinham uma heterogenea origem, ainda agravada pela diversidade de linguas faladas pelos indigenas.

Tropas brancas :

Real corpo de aviadores.

Contingente de marinha.

Engenharia (sinaleiros, pontoneiros, sapadores.)

Artilharia (Um grupo de campanha e uma bateria de obuzes).

Bateria de automoveis blindados.

Atiradores montados da Africa Oriental. (Branco coloniais).

Cavalaria Boer. (Esquadrão de colonos da Africa Oriental).

2.º Batalhão Loyal North Lancashire. (Infantaria inglesa).

25.º Batalhão Royal Fusiliers. (Branco coloniais).

2.º Batalhão de atiradores da Rhodesia. (Branco coloniais).

Tropas dos serviços auxiliares.

Tropas indianas :

Um esquadrão de lanceiros de Bengala.

61.º Batalhão de sapadores.

27.ª Bateria de montanha.

5.º Batalhão de infantaria ligeira.

17.º Batalhão de infantaria ligeira.

13.º Batalhão Rajputs.

29.º Batalhão Punjabis.

40.º Batalhão Pathans.

101.º Batalhão Grenadiers.

129.º Batalhão Baluchis.

130.º Batalhão Baluchis.

Tropas africanas :

Um esquadrão de infantaria montada indigena.

3.º Batalhão King African Rifles.

4.º Batalhão King African Rifles.

1.º Destacamento de atiradores arabes.

1.º Destacamento de escoteiros indigenas da Africa Oriental.

As unidades brancas coloniais e o contingente arabe tinham efectivos muito reduzidos, sendo consideradas tropas efficientes mas improvisadas, sob o comando de officiaes com especial prestigio, conhecendo a lingua e costumes dos seus homens, sendo dados temporariamente a estes officiaes, postos correspondentes ás commissões que desempenhavam nas unidades.

Na primeira fase da offensiva do Kilimanjaro, tambem os alemães tiveram do seu lado um pequeno contingente arabe,

tendo em Taveta flutuado ao lado da bandeira alemã o estandarte do profeta, mas no decurso da campanha não tornaram mais a ser empregados de qualquer dos lados combatentes, contingentes de tropas arabes.

A 5 de Agosto de 1916, continuava o general Smuts a sua offensiva para o Sul de Tanga, ganhando terreno na zona de operações correspondente á faixa ao longo do litoral do Oceano Indico, e em 4 de Setembro caía em poder das tropas britannicas, a cidade de Daressalam, capital da antiga colonia alemã. Previamente porem, tinham os alemães transportado a séde do governo da colonia, para Morogoro, centro de comunicações situado no troço leste do caminho de ferro central. Imediatamente e com notavel rapidez, o general Smuts, com o auxilio das forças navais, que facilitaram os transportes, fez ocupar todos os portos para o Sul da antiga colonia alemã, operação audaciosa, surpreendendo os alemães, que não opuzeram resistencia, nem tiveram tempo de se apossarem dos recursos do commercio indiano e indigena existentes nesses portos, os quais caíram nas mãos das forças britannicas.

Infelizmente porem, a occupação das forças britannicas não foi alem dos portos, que contudo definem as linhas de penetração para o interior, e por isso, a definitiva conquista da ultima parcela da colonia alemã, tendo de se caminhar para o Sul, transversalmente ás linhas naturais de comunicação, sómente poudo ser efectivada no anno seguinte.

Passando agora a outra zona de operações, resumiremos a conquista de toda a região occidental da antiga colonia alemã, acção gloriosa dos belgas, que ficaram occupando essa faixa de terreno visinha da sua colonia do Congo.

Depois de terem tentado manter a sua neutralidade e de terem soffrido a offensiva dos alemães, os belgas procederam a uma laboriosa, mas completa organização de forças indigenas, recrutadas no Congo entre populações de submissão duvidosa, mas essas tropas fortemente enquadradas tendo sido bem instruidas forneceram soldados esplendidos, sendo curioso observar, que alguns desses soldados eram antigamente canibalescos, mas ainda que, tendo entrado em muitas povoações inimigas por assalto, não constou, que tivessem satisfeito o seu desumano appetite em toda a longa campanha a que pro-

cederam, antes pelo contrario mantiveram sempre uma disciplina exemplar, tanto mais notavel, quanto os belgas foram muito tolerantes permitindo, que em campanha as tropas indigenas fossem acompanhadas pelas suas mulheres, concessão, que aliás tambem se observou do lado dos alemães. parecendo em geral ser vantajosa, quando as tropas sejam disciplinadas.

Sob o comando do general Tombeur, official conhecedor da administração do Congo, colonia só por si de maior superficie do que as nossas, maior 80 vezes do que a Belgica, ricamente explorada e tendo uma boa policia formada por 18.000 indigenas militarizados, foi concentrada em Abril de 1916, uma bem organizada força no total de 10.000 indigenas, com 60 metralhadoras e 12 peças, dotada de um serviço de telegrafia sem fios e um serviço de aviação, que iniciou as suas operações atravessando o Lago Tanganika; neste serviço o pessoal era belga e o material fôra fornecido pelo governo inglês.

Tendo os belgas completado o seu caminho de ferro até Albertville, que lhes permitia o transporte alternadamente por via ferrea ou fluvial desde o Oceano Atlantico até ao Lago Tanganika, fizeram avançar as suas duas colunas invadindo a região a Noroeste da antiga colonia alemã, conseguindo depois de alguns combates ocupar o troço ocidental do caminho de ferro central e a cidade de Tabora, em 19 de Setembro, libertando os prisioneiros europeus, que ali se encontravam concentrados atendendo á posição da cidade, muito afastada das fronteiras por onde os aliados poderiam atacar. Para a evacuação rapida desta vasta zona de operações pelos alemães, numa defensiva de retirada em que não comprometeram as suas forças, tambem contribuiu uma columna britanica sob o comando do general Crewe, tendo marchado para o Sul tomando como base de operações a cidade de Muanza, na margem sul do Lago Vitoria. A esta hábil co- operação de forças dos aliados, conjugada com o efeito moral da marcha do general Van Deventer ocupando o troço medio do caminho de ferro central e dispondo portanto de uma rapida via de comunicação, com a qual poderia cortar a retirada das tropas alemãs, que se demorassem na defensiva, correspondeu o mais rapido avanço da campanha.

Nestas operações até á tomada de Tabora, os belgas perderam 41 europeus e 1.235 indigenas, sendo porêem estas operações em todo o conjunto desta campanha, coroadas pelo sucesso mais evidente e consubstanciado pela conquista de uma vasta zona de territorio inimigo, onde os belgas estabeleceram uma administração civil, incluindo nela o troço occidental do caminho de ferro, mas excluindo da sua administração a cidade de Tabora, após negociações entre os governos inglês e belga na Europa.

A Sudoeste da antiga colonia alemã, no troço da fronteira entre os lagos Niassa e Tanganika, correspondendo ás duas colonias inglesas de Nyassaland e da Rhodesia, organizou-se tambem em principios de 1916, uma força britânica para proceder á ofensiva, sob o comando do major general Northey, tendo como linhas de comunicação as carreteiras, que ligavam com as linhas de caminhos de ferro da Africa do Sul, entre as quais se incluía a linha dando serventia ao porto português da Beira, na provincia de Moçambique, e a via fluvial do Rio Zambeze, não se tendo infelizmente tirado o possivel rendimento da linha de caminho de ferro de Quelimane, que só tinha construidos 50 k. no começo da campanha, e as terraplanagens e via para outros 50 k. em 1918, quando o seu traçado era a mais curta linha de comunicação para as forças operando no Nyassaland.

(Continúa).

E. A. MARTINS

Ten. Coronel

O segredo da Vitória

Raiou enfim a aurora da Vitória!

A breve trecho da Paz sentimo-nos ainda como que atordoados por esse horrível pesadelo, que durante quatro anos nos trazia esmagados pela incerteza do amanhã, pelas mais cruciantes dôres e terríveis desesperos, incertezas, dôres e desesperos, que constituiram para toda a Humanidade — a epopêa do Sofrimento, aneando pela hora da libertação.

Raiou enfim a hora da Vitória!

E com a aurora, que surgia, os pequenos, os fracos e os humildes viram renascer a esperança dum melhor Futuro, a possibilidade de uma paz duradoura, que lhes assegurasse a felicidade do seu lar e o engrandecimento pelo Trabalho da Patria querida!

Portugal, povo pequeno pela sua extensão territorial continental, mas grande pelas suas tradições historicas, sentiu, como nenhum outro, a alegria da hora da Vitória, porque, longe do teatro das operações, não tendo sofrido a acção imediata do invasor, só entrara na guerra, qual outro paladino, para defesa dos principios de Direito, mantendo com uma galhardia cavalheiresca a fidelidade aos tratados contraídos na hora da paz.

Ainda quando a Vitória era apenas um aneio, ainda quando se não podia prevêr o têrmo da guerra e precisar quem seria o vencedor e o vencido, Portugal, país pobre, sem recursos, nada tendo preparado para a guerra, lançou-se nela, sem olhar a sacrificios, esquecendo-se de que nessa tragica aventura podia perder-se a Nacionalidade, para só se lembrar de que na luta, que ia debater-se, a Força queria espesinhar o Direito, o Arbitrio queria esmagar a Lei, transformando em joguete a Justiça dos povos, calcando os principios mais caros da Liberdade, que eles proprios haviam regado com o seu sangue nas evoluções das sociedades através dos séculos.

Foi uma loucura? Talvez!

Sim, mas de actos de loucura estão cheias as paginas de ouro da história dos povos, onde se encontram esmaltadas as rasgadas iniciativas dos herois, que não são mais do que loucos, trazendo á Pátria louros fecundos e por vezes rasgando á Humanidade e á Civilização novos horizontes de felicidade.

Louco foi D. Afonso Henriques abrindo a traços de espada o caminho da nossa nacionalidade; loucos foram os ousados navegadores, que, com Vasco da Gama á frente, se lançaram no caminho das descobertas enriquecendo e enobrecendo a Patria que lhes foi berço e dando á Civilização novas estradas em cujos marcos o nome português jámais poderá ser riscado; louco foi o infante D. Henrique fundando em Sagres a escola da navegação, de cujo promontório se alaram as ideias basilares desses heroicos descobrimentos; loucos foram os conjurados sacudindo, em 1640, por um feito audacioso, o jugo estrangeiro e todos aqueles que durante 28 anos se bateram por essa independencia nos campos de Montijo, Elvas, Ameixial e Montes Claros; louca foi a Nação levantando-se em peso, qual leão ferida, para se opôr ás invasões das hostes napoleónicas, fazendo empalidecer o brilho da estrêla do grande capitão, até então considerado o «Invencível», que obrigado foi a ceder perante o ardor patriótico dos ousados lapuzes, que no Bussaco conseguiram repelir Massena, um dos mais afamados marechais de Napoleão!

Loucos foram ainda nos tempos modernos essa pleiade de officiais, camaradas nossos, que nos sertões da Africa tem levantado bem alto o prestigio da Patria, dominando, e subjulgando, aqui, o gentio revoltado, através de mil atritos e dificuldades, e com carencia absoluta de recursos de toda a espécie, percorrendo, ali, regiões inospitas trazendo á Sciencia novas fontes de saber e chamando ao convívio e ao contacto da Civilização tribus nomadas, cuja submissão se considerava impossível.

E, hoje, ao percorrermos as paginas de Historia, onde todos esses feitos se acham descritos, nós, sentindo-nos curvar perante tanta heroicidade, bem dizemos do intimo da nossa alma essa loucura, que tantos e relevantes serviços ha prestado á Pátria e á Liberdade.

Loucura foi, pois, a entrada de Portugal nessa guerra, quasi

universal, ha pouco terminada, mas ao considerarmos a situação internacional preponderante, que a Vitória nos criou, nós podemos tambem louvar essa rajada de loucura, que lançou o País numa tenebrosa aventura, quando ainda o seu desfecho era para todos um enigma indecifrável.

Pena foi, que uma má orientação, não permitindo a discussão de um tão audacioso acto, o que constituia um direito insofismavel, ousasse apodar de cobardia o que só poderia chamar-se prudencia, e estigmatizasse de medo o que era apenas bom senso.

Honra, pois, a todos aqueles a quem coube a feliz sorte de poder fazer aluir pela base esse monte de ignominia com que se pretendeu enxovalhar o exército, praticando, quer nos campos da Europa, quer nos sertões da Africa, os mais audaciosos feitos dignos do respeito e admiração dos nossos aliados, mantendo as brilhantes tradições do soldado português e enriquecendo com os seus nomes a lista, já numerosa, dos loucos, herois, que a Historia exalta nas suas linhas.

E é para falar dêsses loucos, é para enaltecer os nomes dos que tanto se teem distinguido em Africa que eu venho com a minha desataviada prosa, pobre de imagens, mas rica de intenções, mais uma vez roubar espaço aos meus camaradas leitores da «Revista Militar» que outros, melhor que eu, poderiam abrilhantar com a sua feição literária e maior competencia, mostrando-lhes tambem o que, em campanhas coloniais se deva considerar o «Segredo da Vitória».

Este consiste numa prévia e sábia preparação

Tive já a honra de num estudo sintético mostrar nesta Revista o que tinha sido o nosso esforço militar em Africa desde 1914, já operando isoladamente, como em Angola, já cooperando com as tropas da União Sul Africana, como em Moçambique.

Muitos são os erros e as deficiencias apontadas na organização e manutenção das nossas forças em Africa, erros e deficiencias que uns pretendem encobrir, e outros tentam avolumar, esquecendo-se todos de que *eles existiram* e que nada se ganha em ocultar ao país a verdade, que tem todo o

direito a conhecê-la, devendo, porém, dizer-se-lhe também que de duas ordens se podem considerar as suas causas — remotas e próximas.

Remotas — porque entre nós jámais se tratou a sério da organização dos nossos exércitos, colonial e metropolitano, dotando-os com todos os elementos necessários a uma eficaz preparação para guerra, e, antes pelo contrário, se tem vindo malbaratando os dinheiros públicos, mantendo no ultramar uma organização imperfeita e incompleta para o estado de paz, servindo, quando muito, para operações de pequena guerra destinadas á submissão de gentio revoltado.

Próximas — porque, como se houvesse um cabal desconhecimento do que valíamos como potencia militar colonial não se procurou, quando estalou a guerra, firmar em bases iniludiveis qual a orientação a seguir e, assente ela, preparar, scientifica e metodicamente, de longa data, as tropas que em Africa deviam ser as continuadoras dessa orientação.

Não, nada disto se fez.

Andou-se sempre ás apalpadelas, não sabendo por onde enveredar; e ora se acentuava a entrada na guerra, ora se fraquejava em tal propósito, limitando-nos, de principio, como quem pretende iludir alguém, a enviar a Angola e Moçambique dois destacamentos mixtos expedicionarios, do comando dos valorosos officiaes Roçadas e Massano de Amorim.

Com que objectivo? Apenas o de guarnecer as fronteiras sul de Angola, e norte de Moçambique, como se os ridiculos efectivos daqueles destacamentos, que após três meses de permanencia em Africa deviam ainda estar mui mais reduzidos, podessem desempenhar-se da sua missão, colocando mesmo uma guarda de cabo de esquadra por cada quilometro!

E o povo ingénuo que, para efeitos politicos, se pretendia iludir, impou de contente ao assistir ao embarque desses expedicionarios, imaginando na sua eterna ingenuidade, que os governantes haviam tomado uma sábia resolução, e que os alemães iam, enfim, conhecer de perto o valor das tropas lusas!

Depois... o tempo passou, nada se fez, e quando, quasi dois anos decorridos, se pensou numa acção eficaz contra os alemães em Africa, tudo estava como dantes, sem ter o quartel general em Abrantes, mas sim no Terreiro do Paço, onde

os nossos homens de Estado imaginaram que mandar á Africa uma expedição militar de efectivo numeroso era tarefa facil e de somenos importancia, como quem embarca qualquer força da guarda republicana para acudir a uma alteração de ordem em Alcabideche!

Organizadas, assim, de chofre, as expedições militares, caso é digno de registo o não haver a salientar muitos mais erros e deficiencias, porque, os que se apontam, foram consequencia sómente dos apoucados recursos do país e da falta de previdencia que sempre se timbrou entre nós manter em matéria de defesa nacional.

Com tudo por fazer para admirar é que alguma coisa se tivesse feito, e, quando vierem á luz da publicidade os relatórios das campanhas de Angola e Moçambique, ver-se-há que, se ha muito para criticar, não menos ha para louvar, pelo que se trabalhou para se suprirem e vencerem os atritos e dificuldades, que, de momento a momento, surgiam como por encanto.

Conquanto desde 1891, ou seja num período de 27 anos, o nosso exército tenha tido uma larga cooperação em todas as acções militares que desde então nos empenhámos em Africa, não obstante haverem sido enviadas várias expedições militares aos nossos dominios de além mar, o que é certo é que não existe um codice, onde estejam condensados os principios basilares da sua organização, produto dos ensinamentos colhidos na prática e na experiencia, espécie de repositório onde em traços gerais se tratasse de tudo quanto dissesse respeito á mobilização das unidades em pessoal, matéria e animal, para uma campanha colonial; adaptação dos meios de transporte locais; constituição das unidades indigenas; formações sanitárias, material indispensavel, adaptação ou transformação do existente no exército, cálculo dos medicamentos indispensaveis ao tratamento das doenças predominantes; formações administrativas; estabelecimentos de linhas de étapes e montagens dos respectivos postos, aproveitando os recursos locais; etc., etc., etc.

Neste codice, onde tambem deviam estar tratados principios gerais de tactica colonial, de fortificação e processos guerreiros do gentio, poderiam então aprender aqueles, que, jámais tendo orientado o seu espirito nesse sentido, se veem

de repente chamados ao serviço de uma campanha nas colónias, caindo, por vezes, sobre eles o pesado fardo do desempenho de funções importantes, tudo desconhecendo, tudo ignorando.

Nas guerras coloniais a sua preparação é tudo.

No muito interessante livro, ha poucos anos publicado pelo tenente-coronel Ditte do exercito colonial francês — «A guerra nas Colonias» — diz-nos o illustre oficial:

«Qualquer que seja a campanha e sejam quais forem as condições em que ela vá ser empenhada, é indispensavel que a sua preparação seja feita com o maior cuidado pois que, nas *guerras coloniais*, mais do que em nenhuma outra, a falta de preparação suficiente se paga por *vidas humanas*. E esta preparação minuciosa, que é a maior probabilidade de éxito, deve dizer respeito não só à organização, nas condições apropriadas ás circumstancias, das unidades com os seus serviços e material, mas também ás disposições necessarias a tomar para fazer face ás perdas consideraveis que *fatalmente* se hão de produzir.

«A preparação por muito cuidada que tenha sido não está no entanto isenta do *imprevisto* que, em materia de expedição colonial, exerce sempre a sua influênciã tiranica.»

Estas são as palavras de uma autoridade na materia, que por si dizem o bastante e suficiente.

Quando em 1894 se tratou em França da expedição a Madagascar nomeou-se, em primeiro lugar, uma comissão mixta de estudos, constituida por um delegado, de reconhecido merito, de cada um dos ministerios dos negocios estrangeiros, das colonias, da marinha e da guerra.

Esta comissão apresentou um relatorio contendo um conjunto de propostas relativas á constituição numerica do corpo expedicionario, á satisfação das suas necessidades essenciaes, e ás condições eventuais da marcha sobre Tananarive.

Desde 7 de dezembro de 1894, em que foi promulgada a lei abrindo os creditos julgados necessarios, a maio de 1895, que o official general indicado para exercer o comando do corpo expedicionario — o famoso Duchesne — se constituiu presidente de uma comissão, chamada de organização, da qual fizeram parte o chefe de estado maior e os chefes dos diferentes serviços do corpo expedicionario.

O relatório oficial desta brilhante expedição mostra que os seus estudos preliminares haviam sido feitos com um zelo e cuidado notáveis.

Pois bem. Pensaes, oh! censores do tudo quanto entre nós se pratica, que no decurso da execução dum plano tão sabiamente elaborado tudo correu ás mil maravilhas, sem faltas, erros ou deficiencias?

Puro engano.

É ainda o relatório oficial daquela expedição que no-lo diz e mostra no seguinte quadro.

«A falta da mão de obra indigena e a insuficiencia de material marítimo de desembaque fizeram-se sentir cruelmente e provocaram um pejamento não só na bahia mas mesmo no local de desembarque.

A montagem do diferente material fluvial tornou-se difficil e morosa e só pôde estar pronta *cinco semanas depois* da data que fôra prevista e fíxada, e porquê?

Porque ha sempre a contar com o imprevisto, não tendo os organizadores da expedição podido evitar que o vapor no qual se transportaram 8 canhoneiras, uma chalupa a vapor, 18 lanchões, bem como o respectivo pessoal, por avarias soffridas no estreito de Messina, chegasse a Majunga só a 2 de maio de 1895 em vez de a 18 de abril.

Por outro lado o abaixamento rapido de temperatura provocando a congelação das aguas do Sena e do Saône, em fevereiro de 1895, no momento preciso em que as canhoneiras e lanchões construidos nas oficinas de Saint-Denis e de Chalon deviam seguir por aquelas vias fluviaes para os portos de embarque, promoveu alguma demora na expedição da flotilha fluvial, que se compunha de seis chalupas a vapor, quarenta e dois lanchões, quatro pontões e 12 rebocadores.

Se acrescentarmos que em Majunga a montagem daquellas chalupas e lanchões esteve muito longe de corresponder, em rapidez, ao que havia sido notado no caes de Saint-Denis; que as suas diferentes peças tendo sido embarcadas sem methodo se tornou necessario, chegado aquelle material ao porto de destino, desembarca-las todas, escolhendo depois em terra as que correspondiam a cada barco, ter-se-ha idéa dos grandes transtornos que tais factos teriam acarretado á expedição.

Ainda por difficuldades sobrevindas na montagem, resul-

tantes da deficiência dos estudos feitos, a ponte metálica de desembarque não pôde ser utilizada senão no preamar e apenas para pequenas embarcações dum calado de água inferior a 4 metros.

Devido a todo este conjunto de obstáculos imprevistos o desembarque do corpo expedicionário foi feito, por assim dizer, utilizando os recursos locais, pequenos vapores e lanchas, que o comando da divisão naval francesa havia podido reunir antes da chegada da guarda avançada, ou que ele se viu forçado a requisitar á pressa de Nassi-Bé.

Destas multiplas demoras resultou, dum lado, uma despesa suplementar importante pelo pagamento de sobre estadias dos navios fretados, dos quais alguns foram obrigados a permanecer semanas na bahia de Majunga e por outro um pejsamento consideravel de material e tropas, chegando a ponto destas serem obrigadas a esperar, durante dias, pelo material e até armamento, que lhes correspondia, que se encontrava a bordo inutilisado sob as caixas e rodas das viaturas Lefevre, embarcadas em ultimo lugar!

Mas as tintas negras do quadro não findam aqui.

O material e aprovisionamentos dos diferentes serviços de engenharia, saude e subsistencias, não obstante terem sido constituídos com uma larguesa, jamais excedida, e até então sem exemplo, não satisfizeram no todo na pratica, provando-se tambem no decurso das operações que o serviço de saude era incapaz de fazer face a todas as necessidades de momento.

Eis o quadro que nos mostra o relatorio da expedição a Madagascar sobre a chegada e desembarque das respectivas forças.

Analizando-o com cuidado não parece ele dizer respeito á nossa expedição a Moçambique?

Não se encontram nele os mesmos traços de desorganização, que se apontam, ao que entre nós se tem feito e fez?

Áparte a riqueza de recursos com que a primeira foi dotada, poder-se-ia bem á vontade substituir o nome de Madagascar por Moçambique e Majunga por Palma e dir-se-ia que o relatorio, nesta parte, é o desta ultima expedição.

Mas vejamos mais.

A expedição a Madagascar compunha-se de 658 officiais e equiparados, 14773 praças, 7500 solipedes de séla e tração, e numeroso material.

Para o transporte deste corpo expedicionario, além dos vapores das carreiras ordinarias, foi preciso fretar e armar 30 paquetes e 3 navios especiais para a condução de material pesado.

Na guerra do Transwall, desde 1 de julho de 1899 a 31 de março de 1900, foram feitas 40 viagens entre a India e a Africa do Sul para transportar 10.800 homens, cerca de 3000 carregadores e 8900 solipedes.

Compare-se esta abundancia de transportes para levar aos portos de desembarque os corpos expedicionarios a Madagascar e ao Transwal com o que entre nós se fez, tendo apenas para transportar efectivos, que em homens se podem considerar metade dos daquelas expedições, os recursos de uma menos que modesta marinha mercante, podendo utilizar apenas os vapores da Empresa N. de Navegação!

Se em França, apesar de possuir os ricos estaleiros de Saint-Denis e Châlons, da prosperidade da sua industria e dos seus multiplos recursos; se em França, não obstante ter sido preparada com um cuidado meticuloso, por comissões de competentes, a organização da expedição a Madagascar, graves erros se cometeram como os que acima apontamos, que admira que outro tanto se desse entre nós na organização das expedições a Angola e Moçambique, se nada temos, se nem exercito digno deste nome possuímos?

Nós que tanto nos estasiamos perante o alto espirito de Lord Kitchener esquecemo-nos de que Inglaterra não é Portugal, e que se áquele illustre general fosse dada a missão ardua e ingrata de organizar em Portugal, unicamente com os recursos que possuímos, as referidas expedições, ele, ou desistia de tal intento, ou não produziria melhor do muito que se fez.

E' que a organização de expedições coloniais constitue um problema muito complexo, difficil e variado, sendo absolutamente indispensavel, como nos diz Ditte, que todas as questões que lhe dizem respeito sejam maduramente estudadas de antemão, porque a rapidez de execução, de que resultam sempre grandes vantagens materiais e morais, é função dessa preparação.

Mas houve por ventura entre nós preparação na organização daquelas expedições?

Não. Apenas — execução.

Sem estudos previos, sem o conhecimento preciso do que se pretendia, do objectivo a atingir, desconhecendo-se os recursos locais, o muito que aí havia a fazer, as expedições a Moçambique, em 1916, embarcaram, levando, é certo, muito do que necessitavam, apenas com dois meses de organização, mas para cumulo de insensatez era-lhe, á última hora, substituído o comando e o quartel general!

Comparando estes factos com os ocorridos em França podemos concluir, sem medo de errar, que a responsabilidade dos erros e deficiencias apontados cabe unica e simplesmente a quem, em tempo oportuno, não soube definir a attitude a tomar perante o conflicto europeu, tratando de *preparar* as expedições á Africa, deixando, depois, embaraçados com as dificuldades da sua *execução* as entidades e estações, a quem, por dever de officio, cabia tão ingrata missão.

A França venceu em Madagáscar, a Inglaterra no Transwal, e ultimamente no Leste e Sudoeste Africano nas campanhas contra os alemães, porque souberam preparar e executar, mercê dos seus recursos industriais, militares e financeiros, o «Segredo da Vitória».

Nós, pelo contrário, tivemos uma acção apagada, apenas esmaltada aqui e ali por actos de bravura individuais e collectivos, porque não tivemos essa intuição, e deixámos, como sempre, correr tudo ao desbarato, só podendo colher os louros do sacrificio representados pela perda de muitas vidas.

(Continúa)

EDUARDO BARBOSA

Tenente-coronel

SIDEROTÉCNIA VETERINARIA

A crise de operarios ferradores

Mais uma vez me sinto impellido, pelas circunstancias em que o profissional veterinario se encontra, a dizer duas palavras sôbre este sempre oportuno assunto.

Todos que em Portugal se interessam pelo cavallo, clamam, cheios de razão, que os poderes publicos teem descuidado este ponto.

Efectivamente, o pessoal das artes e officios ligados ás especialidades veterinarias está atravessando uma verdadeira crise que urge remediar.

Não se encontram tratadores de cavalos em cuja pericia se possa confiar; os maiorais, os pastores, os vaqueiros ignoram quasi por completo, os mais elementares conhecimentos das suas especialidades, mas no que respeita aos *operarios ferradores*, o assunto afigura-se-nos mais grave porque, se é relativamente facil adestrar pessoal para as primeiras especializações operarias, é sempre muito difficil e moroso, instruir, convenientemente, ferradores.

Não temos, no país, uma escola civil para ferradores, que tão necessaria se julga, e a Secretaria de Estado da Agricultura devia ter criado, sôb a direcção dos Serviços Pecuarios, pois os interessados, nos vastos e multiplôs ramos de pecuaria, avaliam bem os graves prejuizos, ocasionados nos animais, não só pela falta desses siderotecnicos, como tambem pela sua geral impericia.

A siderotécnia veterinaria nunca gozou das entidades supremas da nossa terra, as mais insignificantes atenções; nunca portanto lhe foram díspondados os cuidados que a sua importancia reclama,

Já em 1805 o nosso ilustrado general Ex.^{mo} Sr. Honorato de Mendonça escrevia na *Revista das Sciencias Militares*, chamando a atenção sôbre a decadencia da siderotécnia cas-

trense; em todos os tempos os veterinarios militares fizeram vêr os inconvenientes de se descurar um assunto desta importancia; mas apesar das tentativas de quem de competencia procurava abrir os olhos a quem tinha o remedio nas mãos, as providencias desacertadas deram a crise actual.

Ha já 33 annos, quando os ferradores ainda abundavam e eram umas preciosidades em relação aos que, geralmente, hoje se encontram, escrevia o Ex.^{mo} Sr. General Mendonça o seguinte que com respeitosa venia transcrevemos:

«*Impõe-se como medidas principaes*
 «*a organização de uma escola de ferradores, que devidamente*
 «*dirigida, forneça aos corpos, operarios habeis nos seus officios e*
 «*capazes de, conscienciosamente, aplicar a cada solipede a fer-*
 «*radura que melhor lhe convier*
 «.....
 «.....»

Isto é assim e não ha contestação. Os que, porém, teem conhecimento de que mais ou menos tem havido no exército escolas de ferradores, quer nalgumas unidades quer nas escolas de cavalaria ou de equitação, surpreendem-se, com certa razão, porque só se peçam escolas, como se fôsse esse o unico remedio.

A *escola* é a principal providencia para instruir *conscienciosamente*, e é condição primaria que ela seja *bem dirigida*.

O ensino desta profissão exige bons mestres e alunos dedicados, ageis, robustos e inteligentes. Para se ser bom ferrador é indispensavel ter-se intelligencia, saber e arte, porque este officio não é só violento, é bastante complexo e interessante, mas um tanto ingrato.

As Secretarias da Agricultura e da Guerra são aquellas a quem mais interessa o aperfeiçoamento da siderotécnia veterinaria e por isso não era de mais que dedicassem um pouco de atenção á situação desta classe operaria.

No Instituto onde se professam hoje as artes e sciencias veterinarias em Portugal, denominado *Escola Superior de Medecina Veterinaria*, não era demasiado que houvesse uma Escola Siderotécnia. Os operarios que obtivessem classificação de *mestres* pela referida escola deviam gozar umas certas regalias mais alem das que a Lei lhes concede.

É indispensavel que se garanta a esta classe os meios de vida e a consideração a que tem jus, para que haja concorrência bastante, e se possa fazer uma rigorosa seleção de bons operarios; é preciso dar-se-lhes incentivo para se aperfeiçoarem no seu officio.

No exército ha hoje uma escola siderotécnica, que ha pouco começou a funcionar com regularidade e de onde muito ha que esperar, mas se isto já é alguma cousa de importante, julgamos que ainda falta um complemento indispensavel, que só depende da boa vontade do Excelentissimo Secretario dos Negocios da Guerra.

Referimo-nos aos vencimentos, á promoção e á situação de reforma das praças do esquadrão de ferradores.

Cinco anos depois de aparecerem na Revista das Sciencias Militares os artigos interessantes, do douto General Ex.^{mo} Sr. Honorato de Mendonça, sôbre assuntos palpitantes, das armas montadas e serviços que lhes interessam, foi organizada a Escala Pratica de Cavalaria em Vila Viçosa e, aí se montou uma escola de ferradores, cujos resultados não corresponderam á expectativa, assim como já tinha acontecido anteriormente com as escolas regimentais de ferradores.

As razões principais eram o seu deficiente e defeituoso recrutamento, os parcos vencimentos, a insufficiente hierarquia, a misera reforma, etc., etc.

A crise dos ferradores militares acentuou-se de ha 40 anos para cá e foi-se agravando aí por 1900 em que da Escola Pratica de Cavalaria vinham para as unidades montadas, em vez de ferradores, uns meios homens sem robustez, inscientes e inconscientes, como que aspirantes a ferradores.

Esta crise foi-se sempre agravando e quando da ultima organização do exército, em que se aumentaram as tropas montadas, espalharam os ferradores pelas varias unidades e passou uma grande parte destes a trabalhar em liberdade, sem conhecimentos suficientes, sem remuneração capaz, perdendo o gôsto pela profissão e pela vontade de trabalhar, resultando um verdadeiro desastre.

Veu em seguida a mobilização do exército contra a Alemanha, que bem serviu de prova do atrazo e desorganização a que as cousas militares, entre nós, tinham chegado.

Os serviços siderotécnicos eram um pavôr. Todos os fer-

radores do escalão do activo não chegavam para o serviço de uma divisão em guerra, e as reservas capazes de trabalhar não chegavam para cobrir as faltas mais urgentes, isto em consequencia do defeituoso recrutamento destas praças.

Os animais chegaram ao mais desgraçado estado de ferração que pode imaginar-se, os cascos e os aprumos inutilizaram-se vertiginosamente, os prejuizos aumentavam progressivamente por carencia de pessoal veterinario, cujo quadro permanente de especialização militar é deficientissimo e assim continuava, até que foram criadas as tropas veterinarias.

Diziamos nós que a escola siderotecnica já funciona; vemos tambem que o recrutamento dos ferradores é mais pratico e util fazendo atrair para o esquadrão de ferradores todos os mancebos que se dediquem ou queiram dedicar á siderotecnica veterinaria, só falta a resolução da questão dos vencimentos e promoção.

Já em 1889 escrevia o ilustre official Ex.^{mo} Sr. Christovam Ayres na sua interessante obra Historia da Cavalaria Portuguesa:

«A situação dos ferradores tem realmente de ser melhorada, porque da forma como hoje são remunerados e considerados não se pode esperar melhor de um tão importante serviço».

«Melhorar-se-ia a situação dos ferradores aumentando-lhes o pret, concedendo-lhes gratificação como a dos sargentos; melhorando-lhes a alimentação; empregando finalmente todos os meios que o convidassem a permanecer nas fileiras. Esses prestimosos e indispensaveis artistas, que na vida civil teem o jornal de 800 a 1\$000 réis, vencem de pret 225 réis diarios e quando são readmitidos teem mais 100 réis, visto que a ultima lei de recrutamento fez a grande generosidade de elevar de 95 a 100 réis a gratificação de readmissão!!»

... Depois de descrever o serviço que nas tropas, nesse tempo se exigia ao ferrador, exclama..... *«E tudo isto por 225 réis!!»*

«Quem não ha-de deixar de readmitir-se para vencer mais 100 réis?!»

Se ha quasi 30 anos o Ex.^{mo} Sr. Cristovam Aires julgava miseraveis os vencimentos dos ferradores, hoje esses vencimentos não melhoraram e como julgavamos esta uma medida de alta justiça e de utilidade para o Exercito, apelamos

para a autoridade, criterio e espirito de justiça que adornam o mui digno militar a quem estão confiados os destinos do Exercito.

Sua Excelencia vai certamente remediar a injustiça de se obrigar um ferrador civil de perto de 40 anos de idade, cheio de familia, a abandonar o seu estabelecimento e vir para o Exercito exercer o seu mister por \$085 por dia, quando nas oficinas particulares esse operario com liberdade e 8 horas de trabalho pode vencer, sem se esforçar, a jorna de 2\$50.

Ha pouco tempo fizemos uma justificada exposição ao Ex.^{mo} Comando do Corpo de Tropas da Guarnição de Lisboa, tratando da falta de ferradores e propondo melhoria para as praças deste serviço, mas nada, até hoje, ficou resolvido, ao que nos conste.

Lembravamos a conveniencia e justiça de dar aos ferradores o direito a vencerem rancho de sargento, nas mesmas condições em que esse direito é concedido aos soldados e cabos musicos, isto em atenção á violencia do seu trabalho.

Alvitramos que á semelhança de que se passa nas tropas de saude se dêsse a gradação de 2.^o cabo a todo o ferrador habilitado a ferrar, embora fosse analfabeto, estipulando-se-lhe uma gratificação de \$60 por dia.

Propunhamos que a todos os 1.^{os} cabos ferradores fossem aumentados os vencimentos de modo que ficassem equiparados aos 2.^{os} sargentos das tropas; que aos 2.^{os} sargentos ferradores fossem melhorados os vencimentos de modo que ficassem equiparados aos dos 1.^{os} sargentos das tropas; que aos 1.^{os} sargentos ferradores fossem igualados os seus vencimentos aos dos sargentos ajudantes das tropas.

Pedimos mais que aos actuais enfermeiros ipicos vindos da classe dos ferradores militares fossem conferidos os mesmos vencimentos como se pertencessem ao esquadrão de ferradores, ou então que aqueles que desejassem perceber estes vencimentos pedissem, afim de lhes ser dada passagem ao esquadrão de ferradores.

Os vencimentos de reforma seriam em harmonia com os do activo.

Julgamos ainda de necessidade para melhorar a situação destas praças que em cada officina siderotecnica veterinaria regimental haja sempre um 1.^o sargento ferrador; que em

cada grupo de esquadrões ou de baterias haja também um 2.º sargento ferrador; que por cada esquadrão, bateria ou companhia haja pelo menos dois primeiros cabos ferradores.

Nas tropas dos Serviços Veterinarios ha um esquadrão de enfermeiros ipicòs, os quais julgo muito bem remunerados, dando-se-lhes o rancho de sargentos e os vencimentos que gozam as praças do Serviço de Saude, inclusivamente o direito de concorrerem com os outros sargentos aos lugares de officiais do Exercito.

Os ferradores tem a sua carreira terminada em 1.ºs sargentos e por isso é de justiça que se lhes compense esta medida de excepção, pagando-lhes mais generosamente, tanto mais que a importancia do serviço que prestam vale bem este pequeno beneficio que pedimos.

Como todos sabemos não ha sargentos de Tropas e de Serviços que não tenham a garantia de promoção a officiais; só os sargentos ferradores estão privados dessa regalia.

Outubro de 1918.

A. SIMÕES ALVES.

Cap. veterinario.

A tactica de Ludendorff

Pelo *Journal of the Royal United Service Institution* foram publicados em agosto ultimo os dois documentos que seguem, apanhados aos alemães.

Sobre a batalha ofensiva

Quartel General, 25-1-918.

Quero chamar a atenção ácerca dos seguintes pontos:

1. — Não pode manter-se a idea de que as nossas divisões de ataque sejam rendidas depois de um dia de combate. Pelo contrario, a infantaria, graças a uma intelligente direcção tactica, deve conservar a sua força combativa, de maneira que as divisões estejam capazes de satisfazer ás exigencias de batalhas ofensivas de alguns dias de duração e que compreendam um avanço apreciavel. Peço que este principio se faça conhecer em geral a todo o exercito.

a) Ainda no caso de operações menores, a ofensiva deve ser levada a 8 ou mais quilometros em sectores de ataque especificados, através de um sistema defensivo contrario e através de numerosos obstaculos, até ou mais além da artilharia inimiga.

O ataque combinado com tropas em ambos os flancos deve praticar-se tambem, baseado sôbre principios similares. Contudo, o plano será estabelecido pelo comando superior, sempre que seja possivel. As regras para a representação do inimigo e para a nomeação de arbitros são de importancia.

b) Nestes exercicios de ataque, deve salientar-se claramente o principio de que o exito do ataque não consiste sómente num encontro cuidadoso, numa reunião igualmente

cuidadosa das tropas atacantes e na execução de um ataque metódicamente considerado, mas que se necessita também duma habil condução por parte dos chefes superiores e subordinados, de harmonia com a situação tactica do momento, durante o verdadeiro ataque.

O nosso ataque deve differenciar-se essencialmente a este respeito dos ataques que até esta data teem sido empreendidos pelos britannicos. Os ingleses criam na eficiencia da sua habilmente preparada mas rigida *barragem* de artilharia; tinham por objecto levar até á frente o ataque da infantaria, que avançava sem impeto algum proprio. Os chefes subordinados, e mais ainda os superiores, deixavam de ter influencia alguma adicional.

Nas diferentes offensivas britannicas — Somme, Arras, Messine, Flandres, Cambrai — os exitos tacticos iniciais, que com frequencia eram muito consideraveis, não eram aproveitados e não se exploravam utilmente. Algumas vezes, uma derrota era o resultado dêste principio de estreito criterio sôbre o qual se baseava a condução da batalha e o comando.

Como na guerra aberta, assim também nos rompimentos de uma frente, deve deixar-se certa liberdade, chegado o momento em que se inicia a *barragem* de fogo da artilharia, para a independencia a mais completa e a habilidade tactica dos chefes subordinados, desde comandante de companhia ou de batalhão para cima. A decisão dependerá frequentemente da acção dos chefes subordinados.

Os comandos superiores, (divisões, grupos e exercitos) são ainda mais importantes na offensiva. Para estes comandos, as questões mais importantes são a economia de forças e a oportuna entrada das reservas. Estas ultimas, como regra geral, não serão empregadas na batalha sôbre as partes em que o ataque haja sido contido por pontos fortificados ou centros de resistencia, onde necessariamente se sofreriam, como consequencia, sacrificios desnecessarios; mas sim em pontos onde o ataque está em movimento e onde o seu progresso pode ser facilitado, tendo em vista romper a resistencia do inimigo em o sector visinho, envolvendo-o pelo flanco e retaguarda.

Isto se applica particularmente ao avanço e entrada em combate das divisões da segunda e terceira linha, as quais

devem ser consideradas pelos corpos e exercitos como suas reservas, que devem fazer avançar e entrar em acção no momento adequado. Uma entrada em combate prematura das reservas, invariavelmente significa um desperdício da força do ataque e faz com que o movimento ofensivo se detenha antes que o rompimento se haja efectuado. Por outro lado, é dever de todo o chefe ter as reservas a distancia conveniente, permitindo evitar qualquer revés, explorar todo o exito e sustentar continuamente a ofensiva.

A posição do comando é de importancia consideravel. Todos os estados maiores, incluindo os estados maiores dos corpos, devem estar nos campos de batalha, e os estados maiores das divisões bem avançados.

c) O exito de cada rompimento dependerá da chegada a tempo da artilharia ligeira e pesada, com as suas munições, assim como de um numero suficiente de lança-minas sôbre reparos para trajectoria rasante.

d) Em especial, o fogo da artilharia deve preparar o caminho para a infantaria, desde que esta haja atravessado a primeira linha. O alongamento da *barragem* dependerá da velocidade do avanço da infantaria.

N. B. — A copia apanhada dêste documento não tem exarada a assinatura, mas uma nota o indica como «Verfugung von Ludendorff» (Ordem de Ludendorff), e naturalmente foi publicado com a assinatura daquele general.

Tactica da ofensiva

C. E. M. EXERCITO DE CAMPANHA, 8-2-918

1.º O empenho de realizar uma surpresa não deve levar a preparativos precipitados, nem a uma redução excessiva da preparação de artilharia. No caso de um ataque em grande escala, a vantagem da surpresa para o atacante consiste principalmente no facto de desfrutar a *capacidade de tomar inicialmente as suas disposições e na incerteza para o defensor quanto ao verdadeiro dia e hora do ataque*. O ataque deve ser lançado sôbre principios tacticos verdadeiros, que garantam o exito.

2. Papel decisivo dos chefes de todas as graduações e ar-

mas. O ataque não procede de um modo meramente mecânico; os chefes devem mandar; cada homem deve actuar de acordo com a sua propria iniciativa.

3.

4. A acção contra as batarias inimigas, acompanhada de cuidadosas observações, deve ser aumentada em todas as frentes, *antes do principio do ataque.*

5. Parece que se está dando excessivamente pouca importancia á *neutralização da artilharia inimiga durante o ataque.*

6. A *preparação da artilharia* não deve durar mais que o tempo necessario. Não deve passar despercebido o facto de que um bombardeamento de *uma* hora não é suficiente para obter um efeito destrutivo satisfatório. A dificuldade principal consiste na destruição bastante das posições da retaguarda (especialmente as preparadas com defesas accessorias).

7.

8. Deve repetir-se, mesmo com exagero, a verdade de que a *barragem* nunca constitue uma verdadeira cortina espessa de fogo, e que não pode libertar a *infantaria* da necessidade de executar *um combate corpo a corpo* com metralhadora, espingarda e baioneta, granadas, lança-minas ligeiros e peças de artilharia que a acompanhem, mas que sómente pode facilitar esse combate. Tambem deve ter-se presente o facto de que essa *barragem* só tem valor se a infantaria se move *perto*, atrás da mesma, e trata continuamente de avançar até dentro do nosso proprio fogo (de artilharia) pelo modo que se exercitam os batalhões de assalto.

A *barragem* deve *estabelecer-se* de acordo com um itinerario. Se se empregam sinais, estes devem ser simples e o seu número deve ser restricto. E' aconselhavel que não haja mais que um sinal, ou para faser com que a *barragem* avance. («Regularizar a *barragem*»), ou para fazer que cesse «Alto *barragem*»). A ordem de «alto *barragem*» não deverá entender-se mais do que para um espaço curto, por exemplo, dez minutos.

9.

10. O exito com que a artilharia entra em acção será influenciado decisivamente pela boa forma com que se oculte á observação aérea.

11. As batarias serão destacadas como batarias «em posição para acção imediata» e para fazer fogo sôbre alvos móveis, e se empregarão como tais.

12. *Um avanço da infantaria em ondas*, com um numero de ondas correspondente ao numero de linhas contrarias que pode esperar-se oferecendo resistencia, e durante o qual se espera que as ondas posteriores sobrepassem as ondas anteriores, *deve ser evitado*. Pelo contrario, a infantaria mais recuada deve *avançar enquanto seja possivel* e deve ser reforçada pela da retaguarda sómente quando isto seja absolutamente necessario. Uma *distribuição suficiente em profundidade* deve manter-se continuamente como protecção contra uma contra-ofensiva (flancos).

13. Demasiada pouca importancia se está dando actualmente ao *apoio de fogo da infantaria com os meios á sua disposição*, tal como por nós se pratica em tempo de paz nos avanços por lanços. Não sómente deve auxiliar-se a infantaria no seu avanço com o fogo da artilharia em posições afastadas á retaguarda, por batarias que acompanhem a infantaria e por lança-minas ligêiros, mas tambem deve auxiliar-se *principalmente* pelo fogo de metralhadoras e pelo da propria infantaria.

Curtas rajadas de fogo de metralhadoras como surpresa, variadas metodicamente e dirigidas contra pontos importantes no terreno á retaguarda, serão quasi sempre eficazes para estorvar o transito e as comunicações, especialmente antes de começar o ataque.

14. Em consecuencia da escacez de forragem, é absolutamente essencial que o trabalho prestado pelos cavalos seja proporcional á forragem subministrada.

Isto tambem é necessario com respeito aos trabalhos preparatorios que actualmente se estão levando a cabo, posto que o fornecimento de forragens, ainda que se mantenha com mais regularidade, não será aumentado apreciavelmente. Terá que ser por conseguinte um principio fundamental economizar os cavalos o mais possivel.

(a) LUDENDORFF

(Do *Boletin del Ejército*, de Cuba. Trad. de M. e A.).

ENSINAMENTOS PRATICOS

DA

GRANDE GUERRA

Se afastado está ainda o momento em que oficialmente se tornarão conhecidas as lições que se devam colher da formidável guerra que expirou, é certo que não tardarão a ver a luz interessantes questões estabelecidas por técnicos de valor, que entreterão a nossa natural impaciencia.

Já mesmo durante o ardor da luta se escreveu alguma cousa, por profissionais, que não deixa de oferecer interesse; e oficiais milicianos ha, que tendo tomado parte em quase toda a campanha, alguma autoridade poderão invocar para tambem dizerem da sua justiça. Temos, pois, com que entreter-nos desde já, enquanto se espera pelos melhores frutos que os Estados-Maiores virão a oferecer-nos.

Importancia das duas armas — artilharia e infantaria

A arma de artilharia aumentou ainda de importancia, grande foi o desenvolvimento que teve, mas a infantaria conservou o seu predomínio e ajuntou ao seu legitimo titulo de *rainha*, mais um, o de — *martir*. É um observador estranho ao exército, M. Mortimer-Mégret, quem lho outorga. «Não se pode dizer — escreve elle — que o infante corre um risco de morte, pois que elle vive na propria morte, que incessantemente o cerca, a que só por milagre escapa. Onde para os outros ha uma probabilidade de morrer, para o infante existe uma probabilidade de sobreviver.

«...A infantaria não é somente a arma-rainha que decide do combate e assegura a vitoria, é ainda a arma-martir, em que o heroismo atinge o sublime; é a comunidade onde todas as abnegações são familiares e ficam ignoradas. Ignoradas por-

que a virtude não brilha senão quando se manifesta isoladamente e entre os infantes confundem-se inumeraveis virtudes. E ignoradas ainda porque a multidão só se impressiona pelo que scintila e afadigada em deleitar a multidão toda uma literatura frivola desdenha da infantaria, muito suja, muito enlameada, muito obscura, e a deixa obstinadamente na sombra, onde a guerra moderna a tem mergulhado».

La France Militaire de 26 de agosto de 1916 publicou um excelente artigo devido à pena de um considerado oficial combatente, em que se lê:

«Tenho sempre sustentado a opinião de que o material para fazer a guerra e termina-la vitoriosamente, é ainda e sempre a infantaria.

«Concordo perfeitamente que esta consideração não poderá, por forma alguma, incitar-nos a moderar a criação e a produção de uma artilharia aperfeiçoada.

«Estou inteiramente de acordo com aqueles que afirmam que nunca se fabricarão canhões e munições de mais; mas protesto bem alto contra as teorias que tendem a reservar para o infante, no campo de batalha, o papel de simples figurante.

«Incontestavelmente o papel da artilharia aumentou consideravelmente de importancia: ela é excelente para quebrar a resistencia oposta, e esta guerra, pela entrada em jogo de imensos efectivos, transformou-se em guerra de cerco ao longo de frentes fortificadas.

«A necessidade de romper estas frentes, antes de cousa alguma empreender, pôz em acção a mais pesada artilharia. Está muito bem e quanto mais artilharia tivermos, sobretudo se for mobil, mais nos devemos considerar felizes e estar satisfeitos.

«Mas daqui a concluir que a artilharia basta para ganhar a batalha, ha um mundo. Basta para abrir a brecha: um ponto, é tudo.

«Concedo mesmo que a artilharia desenvolva os seus meios vantajosamente todos os dias, ao ponto de se pôr em circunstancias de abrir a brecha cada vez mais larga, o que é, não resta duvida, um resultado extremamente importante.

«Mas, depois, quem vai passar por essa brecha? A infantaria. E notai bem, que não serão apenas alguns infantes, mas

muitos infantes, o mais possível. Sem satisfazer a esta condição de suficiente numero de infantes, não vale a pena tentar a passagem: corre-se o risco de a ver fechar-se de novo.

«Na hora actual, a prova está feita — é possível romper a frente adversa.

«O que é sempre difícil, é ter-se nesse momento, em face da infantaria inimiga, uma grande superioridade de infantaria.

«A infantaria é necessaria para alargar a brecha, para forçar as maxilas que tendem a cerrar-se e para levar além da frente deitada por terra, não só alguns regimentos, mas um exército.

«Eis a operação a levar a efeito, que se não torna possível senão áquele que dispõe de grandes recursos em infantaria ou pelo menos de muita mais infantaria que o inimigo.

«Mas que se abrigue no coração da infantaria esta convicção bem assente — que nesta operação, por onde acabará necessariamente a guerra (e que deverá renovar-se muitas vezes em varios pontos e sobre várias barreiras) ela terá que sustentar uma luta de esforços violentos e custosos com o concurso de uma artilharia possante, certamente, mas que não poderá ser comparada à do primeiro acto, o acto de ruptura.

«Então, que concluir senão isto: uma grande operação exige a reunião da mais formidável artilharia possível para praticar em primeiro lugar a ruptura mais larga que ser possa da frente inimiga; mas exige mais imperiosamente ainda uma infantaria numerosa, reunida de antemão em condições que permitam explorar o successo, cuja duração é muito limitada.

«Se não existe em grande força, esta infantaria poderá talvez contentar-se em ocupar o terreno (a palavra está na moda) durante o acto de ruptura; mas, depois, deverá conquistar realmente o terreno à retaguarda, e esta conquista não se fará sem sacrificios.

«Quando se possam estudar sobre documentos precisos as operações russas, se descobrirá melhor o alcance destas conclusões.

«Sim, a ultima palavra pertencerá sempre à infantaria. Ela tem que ser numerosa; tem que ser dotada de flexibilidade; ela deve sobretudo ser animada pelo desejo de se bater e pelo espirito de sacrificio.

«As teorias que representam a sua tarefa como secunda-

ria e de todo o repouso são falsas e, pior ainda, são perniciosas e funestas».

O que fica verdadeiro também do que anteriormente se afirmava, é que a artilharia e a infantaria são as duas armas irmãs.

**O facto de se não ter considerado a falta de treino
de alguns regimentos**

dos aliados é tido como causa dos primeiros cheques sofridos

A prosa que segue agora é propriamente do autor do *L'Armée de 1917*, o capitão Z. . . , cuja linguagem ás vezes demasiado mordente, nos leva a desvios.

«Quando os nossos amigos da Romenia receberam a sova de Turtukai, que o megalomano coroado de Berlim tomou ou pretendeu fazer tomar por um outro Sedan, eu vivia no meio de homens cultos, inteligentes em suma, habituados a receber os despachos da guerra, e ouvi, suporrei os comentarios, mais absurdos uns que outros sobre um acontecimento tão normal, tão natural como era esta derrota sobrevindo no começo de uma guerra. Pasmei.

«É evidente que se não pode ser sempre vencedor numa guerra, porque se o fosse, se a faria continuamente, o que acabaria por ser bem aborrecido para todo o mundo. A guerra, — o imperador da Alemanha o sente cada vez mais desde o 1.º de agosto de 1914, — é um jogo que compreende asares e incertezas. Julga-se ter previsto tudo, e depois aparece um mau de um coronel inimigo, que com a sua gente faz uma partida a um dos nossos regimentos, o que promove um recuo à direita ou à esquerda ou dos dois lados; e quando julgavamos haver ordenado uma bela manobra estamos logrados: a desordem lavra nas nossas forças. É o que se chama um asar do combate, asar no qual a vontade humana entra aliás em grande parte. Mas se estamos praticos no jogo da guerra, esse asar não nos surpreende senão no minimo e teremos ainda uma reserva para parar o golpe. A menos, que definitivamente bati-dos, não tomemos o partido de reunir as unidades e preparar um acto mais feliz para o dia seguinte.

«Notai que este ultimo partido, assim o julgo, é aquele porque os nossos chefes se resolveram após 20 e 22 de agosto

de 1914, em que nós ainda não tínhamos pago a inspiração nem a intelligencia. E devemos ser os ultimos a admirar-nos do que aconteceu a uma parte do exército romêno, então que este exército chegava fresco, eu o admito muito bem, mas não bastante habituado às canhonadas e aos massacres, a que o inimigo havia tido tempo já de se afazer.

«Porque, e é aqui que pretendo chegar, ha um treinamento na guerra. Nem todos tem necessidade deste treinamento. Mas é muito util a alguns. E o que o prova são os progressos da nossa infantaria, cujo valor tem aumentado 200 por cento depois do principio da guerra, e que é na hora actual a primeira infantaria do mundo.

«... Um general de intelligencia média, diz Kipling, pode perder seis meses a aprender as rabulices de tal campanha difficil; um coronel pode-se enganar completamente sobre o valor do seu regimento tres meses ainda depois do principio das hostilidades; um comandante de companhia mesmo expõe-se a iludir-se sobre o caracter ou o temperamento do seu proprio punhado de homens; o soldado, por consequência e mais particularmente o soldado de hoje, não deve incorrer em censuras deprimentes por um recuamento; que se fusile ou que se enforque acto immediato, *para encorajar os outros*; mas difama-lo nos jornais, é falta de tacto e desperdicio de papel».

«Eis sabias palavras que se fará bem em meditar, antes da guerra, com os estudos de Ardant du Picq sobre o combate e «a infantaria em luta contra o medo» do general Maud'huy. É preciso saber o que uma tropa pode dar, como ela está treinada, até que ponto se manterá, e não lhe exigir mais do que ela nos pode oferecer. Em especial é preciso atender-se aos efeitos terriveis das maquinas de guerra modernas sobre a *nação armada*.

«Do nosso desprezo pelas maquinas, da nossa crença no valor igual de todos os recrutamentos e de todos os regimentos de França, resultou um furioso estado de espirito de offensiva tactica, que foi por vezes cruelmente contraditado pelas realidades. Sofremos cheques. O nosso grande quartel general teve que reconhecer as desfalencias individuais.

«O facto é que nós temos muito facilmente posto de lado as hipoteses pessimistas sobre o valor da nossa infantaria. E nós tivemos, ao lado de regimentos excelentes, outros que ti-

veram dificuldade em se habituar ao fogo e a suportar os diluvios da artilharia moderna. Está nisso uma parte da historia dos nossos cheques do mês de agosto de 1914. O que mostra que as desfalencias eram somente devidas à inexperiencia sob o fogo, é que o corpo colonial sobre a Semoy, os Argelinos em Charleroi, a divisão marroquina na Marfée foram desde logo excelentes, e corpos ou divisões deploraveis no mesmo momento tiveram uma attitude soberba durante a batalha do Marne.

“O progresso foi immediato, tem vindo a afirmar-se e hoje, dizemo-lo serenamente, a acção de Dieuze-Morhange-Sarrebourg, com os mesmos corpos de uma parte e de outra, seria talvez uma vitoria francesa.

.....
“Em Vaux, dizia-me um joven infante, o que nos incomodava era que caiam tantas granadas no lago, que estavam todos molhados pela água que saltava ao ar.

“— E os estilhaços das granadas?— lhe perguntei eu.

“— Isso — me respondeu êle — já estávamos acostumados...

“Eis a verdadeira palavra; já estávamos acostumados. Mas, porque aventuras é preciso passar para adquirir este treinamento!”

Trad. de

M. e A.



Corpo expedicionario português

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos nas datas que se indicam, por ferimentos em combate:

Regimento de Artilharia n.º 2:

1.º cabo n.º 368, da 2.ª bateria, Francisco Simões Serafim, em 9 de Abril de 1918.

Bateria de Artilharia de Posição:

Soldado n.º 217, José da Silva, em 9 de Abril de 1918.

6.º Grupo de Metralhadoras:

1.º cabo n.º 112, da 1.ª bateria, Mario Costa, em 25 de Agosto.

Soldado » 127, » » » José Joaquim Martins, em 25 de Agosto.

2.º Grupo de Metralhadoras:

Soldado n.º 104, da 2.ª bateria, João Ferreira, em 25 de Agosto.

1.º Batalhão de Artilharia de Costa:

1.º cabo n.º 151, da 8.ª companhia, Lazaro Luís da Silva, em 25 de Agosto.

Regimento de Infantaria n.º 19:

Soldado n.º 353, da 2.ª companhia, Joaquim Xavier, em 25 de Agosto.

» » 564, » » » Antonio Gonçalves, em 25 de Agosto.

Regimento de Infantaria n.º 6:

Soldado n.º 680, da 1.ª companhia, Raimundo Gonçalves Padrão, em 6 de Setembro.

Soldado n.º 504, da 1.ª companhia, Mario da Silva, em 6 de Setembro.

Regimento de Infantaria n.º 7:

Soldado n.º 285, da 2.ª companhia, José dos Santos, em 2 de Julho.

Regimento de Infantaria n.º 11:

Soldado n.º 316, da 12.ª companhia, Germano Antonio Duro, em 2 de Setembro.

Regimento de Infantaria n.º 19:

Soldado n.º 501, da 2.^a companhia, Marçal Alves Rua, em 6 de Setembro.

Soldado n.º 502 da 2.^a companhia, Adriano Carneiro, em 6 de setembro.

Regimento de Infantaria n.º 28:

Soldado n.º 424, da 11.^a companhia, José Marques, em 6 de Setembro.

» » 354, » 9.^a » José Maria de Lemos, em 6 de Setembro.

Soldado n.º 386, da 9.^a companhia, Manuel Augusto de Freitas Correia, em 6 de Setembro.

Soldado n.º 503, da 3.^a companhia, Manuel dos Santos, em 6 de Setembro.

3.º Grupo de Metralhadoras:

Soldado n.º 234, da 2.^a bateria, Francisco Gonçalves Enes, em 27 de Agosto.

Regimento de Infantaria n.º 24:

Soldado n.º 103, da 2.^a companhia, Manuel Ferreira Silva, em 12 de Setembro.

1.º Batalhão de Artilharia de Costa:

Soldado n.º 394, da 4 companhia, Augusto Pessoa, em 9 de Setembro.

Regimento de Infantaria n.º 24:

Soldado n.º 411, da 4.^a companhia, Antonio Valente Pereira, em 26 de Setembro.

Escola de Equitação:

Soldado n.º 226, do 1.º esquadrão, José Russo, em 24 de Setembro.

Por intoxicação por gases em combate:*1.º Batalhão de Artilharia de Costa:*

Soldado n.º 504, da 3.^a companhia, Agostinho Victorino, em 29 de Setembro.

Batalhão de Artilharia de Guarnição:

Soldado n.º 367, da 5.^a companhia, Manuel de Oliveira, em 20 de Setembro.

Por desastre em serviço:*Companhia de Telegrafistas de Praça:*

1.º cabo n.º 1088, Angelino Lopes Lorangeira, em 12 de Setembro.

Por ferimentos em combate :

Regimento de Infantaria n.º 1 :

Soldado n.º 212, da 3.ª companhia, Joaquim Caetano, em 28 de Setembro.

Por desastre em caminho de ferro :

Regimento de Infantaria n.º 3 :

1.º sargento n.º 281, da 3.ª companhia, Alfredo Francisco da Silva Branco, em 18 de Setembro.

Por ferimentos em combate :

Regimento de Infantaria, n.º 2 :

Soldado n.º 227, da 4.ª companhia, Antonio dos Santos Miranda, em 10 de Abril.

Regimento de Infantaria n.º 8 :

Soldado n.º 484, da 4.ª companhia, José Joaquim Fernandes, em 9 de Abril.

Regimento de Infantaria n.º 13 :

Soldado n.º 446, da 3.ª companhia, Abilio Alves Campos, em 9 de Abril.

Regimento de Infantaria n.º 20 :

Soldado n.º 444, da 1.ª companhia, Antonio de Andrade, em 21 de Abril.

Regimento de Infantaria n. 29 :

Soldado n.º 78, da 3.ª companhia, Antonio Joaquim Francisco, em 11 de Abril.

Batalhão de Telegrafistas de Campanha :

Soldado n.º 540, da 2.ª companhia, Jaime Mauricio, em 17 de Abril.

5.º Grupo de Metralhadoras :

Soldado n.º 33, da 3.ª bateria, José Augusto Miranda, em 14 de Abril.

Por ferimentos em combate :

Regimento de Infantaria n.º 19 :

Soldado n.º 493, da 2.ª companhia, Antonio Joaquim Gonçalves Carneiro, em 25 de Agosto.

Por desastre em serviço :

Regimento de Artilharia n.º 8 :

Soldado n.º 526, da 1.ª bateria, Antonio Barata, em 6 de Outubro,
 " " 593, " " " Augusto Ramalho, em 6 de Outubro.

Regimento de Infantaria n.º 12 :

Soldado n.º 370, da 11.^a companhia, João Martins Esculastico, em 8 de Outubro.

Regimento de Infantaria n.º 21 :

Soldado n.º 521, da 3.^a companhia, Antonio Neto, em 28 de Setembro.
 » » 449, » 5.^a » Tomaz Lourenço, em 9 de Outubro.

Por desastre em serviço :

Regimento de Infantaria n.º 10 :

Soldado n.º 246, da 2.^a companhia, José Manuel Gomes, em 19 de Outubro.

Regimento de Infantaria n.º 13 :

Soldado n.º 360, da 3.^a companhia, Antonio Joaquim de Moura, em 19 de Outubro.

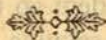
Soldado n.º 368, da 4.^a companhia, Delfim Pinto, em 19 de Outubro.

Regimento de Infantaria n.º 16 :

Soldado n.º 671, da 1.^a companhia, Manuel Lucio Pita, em 19 de Outubro.

Regimento de Infantaria n.º 31 :

2.º sargento n.º 515, da 2.^a companhia, Manuel Ferreira dos Santos Junior, em 19 de Outubro.



CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Granadeiros.—Em geral, todos os soldados das companhias recebem a instrução de granadeiros, seleccionando se, porém, os que têm de constituir os grupos que devem actuar no combate, e que recebem depois uma instrução especial.

Os *grupos* constam de 8 soldados e um graduado: 2 soldados lançam as granadas, 4 são municidores e 2 constituem uma reserva.

Os granadeiros levam espingarda e 170 cartuchos (excepto os 2 lançadores de granada que levam pistola e punhal), são providos de uma tesoura corta-aramé, de uma ferramenta portátil, de uma máscara contra os gazes asfixiantes e de um saco de granadas.

O chefe do grupo leva um pequeno periscópio. Cada lançador e cada municidor leva 6 granadas.

Execução do assalto pela infantaria.—Os regimentos de infantaria alemães empregam, em geral, um batalhão em 1.^a linha, e os outros dois em reserva, escalonados em profundidade.

O batalhão de 1.^a linha coloca 2 companhias avançadas e contíguas, instaladas nas trincheiras donde se deverá iniciar o assalto, ficando à retaguarda as outras 2 companhias, cobertas por trincheiras ou por obstaculos do terreno.

Depois que a artilharia destruiu com o seu fogo as trincheiras e defensas do inimigo, as 2 companhias avançadas do batalhão de 1.^a linha, destacam secções ou grupos, acompanhados pèlos granadeiros e exploradores, que vão providos de ferramentas, e procedem ao reconhecimento, marchando os homens com grandes interválos; em seguida a esta primeira vaga, segue-se uma outra, constituída por uma densa linha de atiradores, fornecida por secções distintas das que avançaram em primeira vaga; e a seguir, vem uma 3.^a vaga, constituída com as secções da 1.^a linha do batalhão e não utilizadas nas 2 primeiras vagas, sendo a sua missão preencher as baixas que se tenham dado, e apoiá-las e fornecer-lhes munições.

As companhias de 2.^a linha do batalhão da 1.^a linha cooperam no assalto, constituindo uma forte vaga que apoia a acção das anteriores.

Os batalhões de reserva são destinados a um novo assalto, que deve ultrapassar os objectivos do 1.^o batalhão, ou para recolher êste no caso de sêr repellido.

As vagas de assalto, vistas a uma certa distância, dávam muitas vezes a impressão que os alemães avançavam em pequenas colunas à retaguarda das vagas de assalto, quando é certo que os homens formavam várias fileiras, sen-

tindo os homens o toque dos cotovêlos dos seus camaradas. (*Memorial de Infanteria*).

Organização do comando no exército alemão após a guerra.—De acôrdo com o *governo nacional* e com o *Conselho central de operarios e soldados*, foi publicado pelo Ministério da Guerra, um decreto, regulando a constituição do comando no exército em tempo de paz. Para as unidades mobilizadas devem ser publicadas disposições especiais. O comando supremo passa a residir no *Conselho dos comissarios do povo*, e a execução das deliberações tomadas compete ao ministro da guerra, que é responsável perante o referido Conselho. As suas disposições e ordens deverão sêr cumpridas por todos os membros do exército, incluindo os Conselhos dos soldados. O ministro da guerra nomeia os chefes, mas estes conselhos podem solicitar a sua destituição, devendo o govêrno dar a sua decisão. Os conselhos dos soldados são eleitos nos comandos gerais, comandos de guarnição, regimentos e batalhões independentes. Tais conselhos têm por missão fiscalizar se os chefes abusam do poder contra o govêrno. Intervem ainda, pondo a sua assinatura, na redacção de decretos sôbre socorros, questões sociais e económicas, licenças e castigos disciplinares.

Não têm, porém, intervenção nas ordens de carácter puramente militar sôbre instrução, comando e emprego das tropas. Os officiaes inferiores e soldados podem ser eleitos para comandar destacamentos, ficando então equiparados a officiaes, sendo, porém, necessária a aprovação do ministro da guerra.

Os actuais distintivos da hierarquia militar, fôram anulados, sendo substituidos por braçais de côr azul escuro, usados no braço esquerdo.

As armas só podem ser usadas durante o serviço, e as de fogo com licença especial. A arma branca usada é a baioneta da infantaria.

Todos os militares se têm de saudar, começando pelo mais moderno e de menor categoria.

A instrução passa a sêr de uma grande intensidade, de maneira a poder obter-se um bom corpo de officiaes e sargentos.

Aos militares é-lhes defeso tomar parte na política. (*El Ejército Español* — janeiro — 1919).

Australia

A cooperação da Australia na grande guerra.—A Australia mobilizou 420:000 homens e conservou na frente ocidental sempre 5 divisões, cada uma com 25:000 homens.

Na Palestina tinha ainda uma outra divisão.

As perdas sofridas pelas tropas australianas fôram de 60:000 mortos e 200:000 feridos.

A Australia fez todas as despesas com os corpos expedicionários, que atingiram 7:500 milhões de francos, dos quais 5:000 fôram obtidos por meio de empréstimos.

Em virtude da grande distância que separava a Australia do teatro da guerra, devemos reconhecer que aquêle país fez verdadeiramente um grande esforço. (*Correspondencia de España*—Janeiro).

Chile

Reorganização do exército chileno. —

Duração do serviço militar. — Nas fileiras 12 meses; na 1.^a reserva, até aos 30 anos; na 2.^a reserva, até aos 38 anos; e na 3.^a reserva, até aos 45 anos.

A cada regimento de infantaria corresponde uma *zona de recrutamento*. O contingente anual incorporado é de 9:000 homens.

Academia de guerra. — É uma escola militar superior, onde entram 1.^{os} tenentes com mais de 3 anos de efectividade, ou capitães que não tenham completado 32 anos de idade. O curso é de 2 anos; mas ha um 3.^o ano para os que são destinados a entrar no corpo de estado maior.

Em cada ano do curso fazem 30 dias de serviço em cada uma das armas diferentes da sua. Anualmente realizam uma viagem de instrução. As *materias professadas* são: tactica (3 anos); serviço de estado maior (3 anos); história militar; geografia militar; fortificação; *topografia*; armamento; higiene e saúde militar; guerra marítima; direito: linguas; matemáticas.

Escola militar. — Para formar oficiais para todas as armas.

O ensino dura 3 anos para os conhecimentos gerais e um ano para os conhecimentos essencialmente militares. No fim do 3.^o ano são os alunos promovidos a alferes. No 4.^o ano estudam: tactica, topografia, armamento, fortificação, história militar, direito, organização, regulamentos tacticos, linguas, instrução de artilharia e cavalaria, equitação.

A *escola de sargentos* é destinada a formar sargentos. O curso é de 2 anos, no fim dos quais os alunos saem 1.^{os} cabos ou 2.^{os} sargentos.

Ha uma escola de equitação; uma escola de veterinários e ferradores; uma escola de tiro de infantaria; idem de artilharia.

Em cada arma se ascende até tenente coronel, sendo $\frac{2}{3}$ das vacaturas por antiguidade e $\frac{1}{3}$ por escolha. A partir de tenente coronel a promoção aos postos superiores é por escolha. Os 2.^{os} e 1.^{os} tenentes precisam ter 3 anos de efectividade para ascender ao posto immediato; os capitães, tenentes coroneis e coroneis, 4 anos; os majores, 6 anos.

Os 1.^{os} tenentes para ser promovidos a capitães têm de fazer um exame especial de aptidão.

Limites de idade. — 2.^o tenente, 30 anos; 1.^o tenente, 35 anos; capitães, 45; majores, 50; tenentes coroneis, 55; coroneis, 58; generais de brigada, 61; generais de divisão, 63. Qualquer official pode reformar-se quando queira, sendo essa reforma paga pela *caixa de reformas*, para o que se desconta mensalmente 5 $\frac{0}{10}$ do soldo. A pensão é de $\frac{s}{40} \times n$, sendo s o soldo do activo, e n o número de anos; isto é, só com 40 anos de serviço é que a pensão de reforma é igual ao soldo de efectividade.

Na infantaria, com 8 brigadas a 2 regimentos e 1 batalhão, os regimentos têm 3 batalhões a 4 companhias, e estas com 3 pelotões. Cada regimento tem 1 companhia de metralhadoras. Usam a espingarda Mauser m/1895 de 7^m/m e a metralhadora Maxim de 7^m/m. As brigadas são comandadas por coroneis; os regimentos por tenentes coroneis; e os batalhões por majores.

A *cavalaria* tem 4 brigadas a 2 regimentos de 4 esquadrões. A brigada tem 1 esquadrão de metralhadoras. Usa a carabina Mauser, metralhadora Maxim, espada e lança.

Engenharia tem 4 batalhões de sapadores a 4 companhias, sendo uma destas de pontoneiros.

A *artelharía* tem 4 brigadas a 2 regimentos montados e 1 de montanha.

Cada regimento tem 2 grupos de 3 batarias, sendo 1 grupo de obuzes ligeiros.

As peças são Krupp de 7,5 T. R. M/910. Os obuzes são de 10,5.

Como *tropas técnicas* tem: 1 regimento de C. F., 1 batalhão de telégrafos e 1 escola de aviação. O regimento de caminhos de ferro tem 2 batalhões, sendo um de construção e o outro de exploração.

O batalhão de telégrafos tem 4 companhias, sendo 2 de T. S. F., 1 de telegrafia optica, e a outra de telefonía. (*Estudios Militares*).

Espanha

Depósitos de viveres no exército. — Para evitar os excessivos lucros que auferem os intermediários no fornecimento de géneros alimentícios para o exército, os quais muitas vezes se combinam e dão lugar a aumentos extraordinários nos preços, foi determinado que se evitem o mais possível os intermediários, sendo adquiridos os géneros nos centros produtores, nas épocas mais próprias, devendo-se para isso organizar nos corpos de exercito grandes depósitos de viveres, correspondendo ao consumo indispensável para um largo periodo, devendo sêr fornecidos aos conselhos administrativos dos corpos os fundos necessários para a compra dos géneros.

Para efectuar as aquisições haverá na séde de cada capitania uma comissão de compras presidida por um delegado do capitão general e nela terão representação os diferentes corpos da guarnição. Nas praças de guerra haverá comissões locais para êsse fim.

As diferentes unidades efectuarão nas localidades da guarnição as compras dos géneros de maior grau de urgência, ou requisitá-los-ão ao depósito regional, se nisso houver mais economia, ou a outro depósito local.

Os conselhos administrativos dos corpos requisitam mensalmente aos depósitos regionais os géneros e artigos que julguem necessários para o mês seguinte. Em geral, os artigos de que se efectuarão grandes compras e serão armazenados, são: arroz, legumes, batatas, massas, conservas, azeite, toucinho, etc.

Os transportes dos géneros por caminho de ferro, pagarão as taxas dos transportes militares, devendo as requisições corresponder a vagões completos. A correspondência e documentação administrativa e mercantil será autorizada e assinada pelos presidentes das comissões ou seus delegados.

No fim de cada ano, os comandantes das unidades enviarão um mapa estatístico acompanhado de um relatório circunstanciado, iñdicando as vantagens obtidas e propondo as modificações julgadas mais convenientes.

Os capitães generais deviam ter solicitado no mês de janeiro, os fundos necessários para adiantar aos corpos, não devendo exceder 30:000 pesetas por regimento e 20:000 por unidades menores. (*El Ejército Español*).

Redução do limite de idade dos oficiais de reserva retribuida. — Para os oficiais pertencentes ao quadro de reserva retribuida, fôram fixados os seguintes limites de idade: co

aos 62; capitães, aos 58. Atingidos êstes limites, pássam então à situação de «reformados». (*El Ejército Español*).

Estados Unidos

Composição das unidades.—Durante a guerra as unidades das diferentes armas sofreram modificações importantes na sua composição e efectivos.

a) Na *infantaria* a companhia passou em fins de 1917, a ter 270 homens e 5 oficiais em vez de 150 homens e 3 oficiais.

Passou a ter 4 pelotões, além da *secção* fóra da fileira.

O *pelotão* ficou constituído por uma *secção* de *bombardeiros* e *grana-deiros-fuzileiros* com 22 homens; 2 *secções* de *fuzileiros*, a 12 homens cada uma; uma *secção* com *espingardas automaticas* (4) com 11 homens. O *pelotão* é comandado por um 1.º ou 2.º tenente, ao qual pertence um soldado impedido. O efectivo do *pelotão* é de 58 homens e 1 oficial.

A companhia tem: 1 capitão, 1 1.º tenente, 3 2.ºs tenentes, 1 1.º sargento, 1 sargento do rancho, 1 sargento-furriel, 12 2.ºs sargentos, 33 cabos, 4 artifices, 4 cozinheiros, 2 corneteiros e 192 soldados.

O *batalhão* tem 4 companhias; e o *regimento*, 3 *batalhões*.

O *regimento* é constituído por:

Estado maior e companhia do estado menor ..	303	homens
3 <i>batalhões</i> a 4 companhias.....	3.078	»
1 companhia de aprovisionamentos.....	140	»
1 companhia de metralhadoras.....	178	»
1 destacamento sanitario.....	56	»

Total..... 103 oficiais e 3.755 »

Na companhia do *estado maior* e *menor* está incluída a *musica* (28 *mu-cos*), sendo para notar que o chefe da *musica* não tem equiparação de oficial. Esta companhia tem ainda: 1 *pelotão* de *sinaleiros* (2 *secções* de *sinaleiros* e 1 *secção* de *telefonistas*) com 77 homens; 1 *pelotão* de *pioneiros*, com 55 homens; 1 *pelotão* de *artilheiros* de *infantaria* com 33 homens e 3 peças; 1 *pelotão* de *sapadores* e *bombardeiros* (1 *secção* de cada especialidade) com 48 homens; 1 *secção* de *ordenanças* e *plantões*.

A *companhia de metralhadoras*, tem 3 *pelotões* e 12 *metralhadoras* pesadas e 4 de reserva.

O *material* do *regimento* compreende: 22 *carros* do *trem* de *combate*, 16 *cozinhas rodadas*, 22 *carros* de *bagagens* e *viveres*, 16 *carros* de *viveres* normais, 15 *carros* de *água*, 3 *carros* *sanitarios*, 24 *carros* para o transporte das *metralhadoras* e suas *munições*, 2 *moto* com *sid-car*, 1 *auto* para *personal* e 42 *bicicletas*.

Tem ainda o seguinte *gado*: 59 *cavalos* de *sela*, 8 *muars* de *sela* e 332 *muars* de *tiro*.

b) Na *cavalaria* o *regimento* tem 3 *grupos* de 4 *esquadrões*, compreendendo, 59 *oficiais*, 1.520 *homens*, 1.541 *cavalos* de *sela*, 6 *muars* de *sela*, 27

muares a dôrso, 152 muares de tiro, 37 viaturas, 6 metralhadoras, 1.340 espingardas e 1.504 pistolas.

O esquadrão de metralhadoras tem 95 homens e 6 metralhadoras.

c) Na *artilharia* de campanha o regimento tem 2 ou 3 grupos de baterias, conforme é de artilharia ligeira ou pesada.

A reunião de 3 regimentos com 1 bateria de morteiros de trincheira constitue uma *brigada*. 2 regimentos, são armados de peças e 1 é de obuzes.

d) Na *engenharia* o regimento tem 1.660 homens.

e) Ao *corpo de sinaleiros* corresponde tudo que diz respeito a comunicações telegraficas (T. P. F. e T. S. F.), telefonicas, de sinais, balões e aviões.

Em cada *divisão* havia em 1918 um batalhão de sinaleiros com 3 companhias e 1 secção de aprovisionamentos.

f) A *divisão*, depois da chegada das forças a França, teve de sofrer diversas alterações, suprimindo-se o regimento de cavalaria e equipagem de pontes (por desnecessaria na guerra de posições) e tendo-se aumentado o numero de peças de artilharia, de forma que ficou assim constituida :

Quartel general da divisão.....	164
1 batalhão de metralhadoras com 4 companhias.....	768
2 brigadas de infantaria, a 2 regimentos, e 1 batalhão de metralhadoras com 3 companhias.....	16.420
1 brigada de artilharia de campanha com 3 regimentos e 1 bateria de morteiros.....	5.068
1 batalhão de sinaleiros de campanha.....	262
1 regimento de engenharia.....	1.666
Trens divisionarios.....	2.804
Total.....	27.152

DIVERSOS

Os gazes asfixiantes.—Como é sabido, os gazes asfixiantes têm sido lançados por aparelhos especiais em forma de núbem; mas como êste processo nem sempre era prático por causa do vento, passou-se a carregar granadas com êsses gazes.

A análise tem mostrado que os alemães carrégam as suas granadas com alguns dos seguintes 19 gazes diferentes :

Brometo de benzol, bromo-acetona, metil, bromo, cloro-acetona, cloro, cloro-metil-cloroformado, nitro-tricloro-metano, ácido cloro-sulfonico, dicloro-dectilsulfurado, dimetil-sulfato, difenil-cloro-arsina, dicloro-metil-eter, metil-cloro-sulfonado, cloreto de fenil-carbilamina, oxiclreto de carbono, anidrido sulfúrico, difosgenio e brometo de xililo.

Prisioneiros feitos pelos aliados em França, de 15 de julho a 15 de setembro de 1918 e material apreendido.—Segundo as estatísticas recentemente publicadas, há a mencionar :

Prisioneiros na frente occidental.....	173.000
Peças de vários calibres.....	2.300

Morteiros de trincheira.....	1.700
Metralhadoras.....	15.000

Numerosa quantidade de munições, equipamentos e material diverso.

Dever-se-á ainda juntar 45.000 prisioneiros turcos, feitos na Palestina com perto de 300 peças de artilharia e grande quantidade de prisioneiros e material realizados na Macedonia.

Na última quinzena de setembro, havia já mais de 15.000 prisioneiros feitos na Champagne oriental e no Argonne, mais 10.000 feitos pelos ingleses em frente de Cambrai, a que se devem acrescentar muitos milhares que desde então têm caído nas mãos dos aliados, e 15.000 que foram obrigados a passar a fronteira holandesa para não ser aprisionados pelos belgas.

Pode-se computar em mais de 300.000 os prisioneiros feitos pelos exércitos anglo-franco-americanos, desde que foi iniciada a ofensiva de julho.

Uma nova auto-ambulância cirúrgica.—A «Sociedade de socorros aos feridos», mandou construir uma auto-ambulância cirúrgica, que esteve em exposição no *Grand-Palais*, e que foi enviada ao exército comandado pelo general Mangin. O material é constituído: por uma tenda para a classificação dos feridos; outra, para a instalação do pessoal; outra para a lavagem dos feridos; uma quarta, para a radiografia; e ainda outra, que é destinada a sala de operações, e que está ligada ao camião-esterilizador que possui duas auto-claves. Há por fim, tendas de hospitalização.

Esta *ambulância de combate*, quando em marcha, constitue um *trem* com 2 camiões e 2 rebocadores.

Substancias empregadas pelos alemães para substituir o cobre nas aplicações electricas.—A necessidade que os alemães tinham de destinar todo o cobre, que podiam obter, ao fabrico do latão para cartuchos, obrigou-os a substituir este metal nos condutores electricos. Constituiam os cabos por uma alma de ferro envolvida em fios de zinco. Nos condutores delgados, não exigindo grande resistencia, empregavam só o zinco, fabricando fios de 1 ou 2^{mm} de diâmetro, que eram retorcidos em volta de uma varinha de 1^{mm} de diâmetro. Os condutores de zinco, que eram empregados em terra eram protegidos por uma bainha de chumbo.

Para a canalização das correntes dos transvias e caminhos de ferro empregavam só o ferro, e o enlace electrico dos carris era feito cobrindo as extremidades dos carris com uma chapa de zinco pelo processo Schoop (linha Berlim-Lichterfeld). Empregam tambem uma liga feita com 10 % de aluminio e 90 % de magnésio, liga a que chamam *magnolia*. Ainda empregavam uma liga constituída por 91 % de aluminio e 9 % de cobre, a que chamam —*duralmina*.

(*Memorial de Artilleria*).

CRÓNICA MARITIMA

Alemanha

A acção do submersível U. 35.—Este barco, comandado por kapitanleutnant Arnould de la Perriere, afundou no Mediterraneo 126 navios com proximamente 500:000 toneladas. Aparecem agora alguns pormenores sôbre estes afundamentos que tiveram lugar num periodo de dois anos e meio.

O U. 35 destruiu durante esse praso 2 navios de guerra, 1 crusador auxiliar, 5 transportes, 124 vapores de carga, 62 navios de vela e 2 barcos de pesca.

Os comandantes dos submersiveis alemães.—Segundo uma noticia de Army & Navy Journal, dos 150 comandantes dos submersiveis alemães afundados pelos ingleses e cujos nomes foram publicados pelo Governo Britanico, a maior parte pereceram com os seus navios: O kapitanleutnant Schweiger, que meteu no fundo o *Luzitania*, comandava o *U 20* que foi destruido na costa dinamarqueza em 1916; sobrevivendo, foi logo comandar o *U 80* que se perdeu em setembro do ano seguinte. O oficial da mesma graduacão Paolo Wagenfuhr que afundou o *Belgian-Prince*, e afogou 40 homens da sua guarnição, obrigando-os a permanecer no convés do submersível, foi também morto.

Entre os nomes citados aparece o do kapitanleutnant G. Werner que afundou alguns navios hospitais. Um dos officiais desta classe conseguiu alcançar a Alemanha, depois da perda do navio que comandava, arrostando todos os perigos.

O número total dos officiais dos submersiveis que foram mortos, está distribuido pela forma seguinte: 2 korvetten-kapitan, 49 kapitanleutnant (primeiros tenentes comandantes) 61 oberleutnant (primeiros tenentes) 4 leutnant zur see (segundos tenentes).

Ficaram prisioneiros 15 kapitanleutnant e 12 oberleutnant.

A marinha mercante alemã.—De noticias confirmadas pela imprensa estrangeira, extraiu a *Revista Maritima Italiana* de novembro de 1918, os seguintes dados sôbre a tonelagem da marinha mercante alemã. Antes da guerra, esta marinha possuia proximamente 5:459:000 toneladas, tendo as suas perdas atingido 2:900:000 toneladas. Nos portos alemães havia 1:559:296 toneladas e 950:000 em construcão.

Nos portos neutros achavam-se 674:330 toneladas, das quais uma parte muito importante deve considerar-se perdida para a Alemanha.

Pode, por consequência, a Alemanha contar para depois da guerra, ape-

nas com 2:500:000 toneladas. A guerra fez, pois, perder a Alemanha uma esplendida situação ao mesmo tempo que lhe criou temíveis concorrentes.

Os estaleiros germanicos não suspenderam a sua actividade durante a guerra. Em Stetin, a *Nordeutscher Lloyd* terminou dois enormes transatlanticos de 35:000 toneladas cada um, o *Colombus* e o *Hindenburg*, e dois de 16:000 toneladas, o *Muencher* e o *Zeppelin*. 12 outros barcos de 12:000 toneladas, com velocidade entre 13 e 14 milhas, são dotados de frigorificos. As novas construções abrangem 950:000 toneladas.

Espanha

A armada hespanhola.— Compõe-se actualmente das seguintes unidades: 4 couraçados, o *Hespanha*, *Affonso XIII*, e *Jayme I*, de 15:700 toneladas, couraça de 250 milímetros, 20 milhas, armados com 8 peças de 305 milímetros, 20 de 102 milímetros e o antigo *Pelayo* de 9:890 toneladas, couraça de 400 milímetros (ferro forjado) e 15 milhas de marcha, armado com 2 peças de 305 milímetros, 2 de 280 milímetros e 9 de 140 milímetros e 3 tubos lança-torpedos. 9 cruzadores, *Princesa das Astucias*, *Cataluña* de 7:550 toneladas, 18 milhas, couraça de 300 milímetros (ferro forjado), 2 peças de 240 milímetros e 8 de 140 milímetros, *Reina Victoria Eugenia*, e mais os que se acham em construção do mesmo tipo *B*, *C* e *D* de 5:600 toneladas, 26 milhas de marcha, couraça de 75 milímetros, 9 peças de 152 milímetros e 2 tubos lança-torpedos, *Reina Regente*, de 5:900 toneladas, 19,5 milhas de marcha, couraça de 80 milímetros e 10 peças de 152 milímetros, *Extremadura*, de 2:130 toneladas, 19 milhas, couraça de 30 milímetros e 8 peças de 102 milímetros, *Rio de la Plata*, de 1:950 toneladas, 19,5 milhas, couraça de 30 milímetros e 4 peças de 102 milímetros.

Tem mais 13 caça-torpedeiros a saber: 6 de 1:000 toneladas em construção, 2 de 380 toneladas, 28 milhas respectivamente com os nomes de *Bustamante*, *Villamil*¹ e *Cadarso*, 4 de 430 toneladas, 29 milhas, respectivamente chamados *Audaz*, *Osado*, *Proserpina* e *Terror*. 42 torpedeiros, dos quais 24 completos com a tonelagem de 180 e 30 milhas de velocidade. 4 submersíveis, *O Isaac Peral*, de 500/685 toneladas² e 15,5/10,5 milhas de velocidade, o *Monturial*, *Garcia* e *A* 3 de 200/282 toneladas e 13/8,5 milhas. Finalmente mais 14 canhoneiras das quais 7 do tipo moderno.

Tem, pois actualmente a Marinha de guerra hespanhola 86 navios dignos de menção e ainda a *Rivista Maritima Italiana* não menciona o cruzador couraçado *Carlos V* de 9:089 toneladas, 20 milhas, couraça de 150 milímetros harveisada na cintura e 250 milímetros nas torres, 2 peças de 280 milímetros. *Hontoria*, 8 de 140 milímetros, 4 de 102 milímetros, 2 de 65 milímetros, 2 de 57 milímetros, 6 metralhadoras acabado em 1898 e o cruzador

¹ *Villamil* era o apelido do valente e muito illustre capitán de navio que comandava a esquadilha de destroyers na batalha de S. Tiago de Cuba e que perdeu a vida na ponte do seu navio estilhaçado por uma granada inimiga; era membro do Parlamento e um dos mais notáveis e distintos officiaes da Marinha Hespanhola.

Cadarso era o heroico comandante do cruzador *Reina Christina*, que, na batalha de Cavite, estando dirigindo o combate na ponte de comando foi partido ao meio por umna granada americana.

² Tonelagem à superfície e submerso.

protegido *Lepanto*, da 4:750 toneladas, 20 milhas, couraça de 120 milímetros, 4 peças de 195 milímetros, hontoria, 6 de 120 milímetros, 6 de 57 milímetros, 4 de 47 milímetros, 5 metralhadoras e 5 tubos lança-torpedos.

Em 1898, por ocasião da sua guerra com os Estados Unidos Norte-Americanos, possuía a Espanha entre cruzadores couraçados e protegidos 54 barcos de guerra, além de 6 destroyers e uma razoável esquadilha de torpedeiros.

Perdeu na batalha de Cavite onde a divisão do comodoro americano Dewey foi encontrar os velhos navios do almirante espanhol Montojo, os cruzadores *Castilla*, *D. João d' Austria*, *D. Antonio d' Ullea*, *Elcano*, *General Lese*, *Isla de Cuba*, *Isla de Luzo*, *Marquez de la Ensenada*, *Marquez del Duero*, *Reina Christina* e *Velasco*.

Perdeu na batalha naval de S. Tiago de Cuba, ferida no memorável dia 3 de Julho, em que o bravo e heroico almirante Cervera, em cega obediência às ordens emanadas do Governo de Madrid, saiu com os poucos navios de que dispunha, quasi se pode dizer sem preparação, ao encontro dos 23 navios do almirante Sampson, entre os quais se contavam 4 couraçados e dois grandes cruzadores couraçados (o *New-York* e o *Brooklyn*), os cruzadores *Maria Theresa* (navio almirante), *Viscaya*, *Almirante Oquendo* (cujo comandante, capitão de navio Lasaga não quiz sobreviver ao seu navio) e *Cristobal Colon* e os destroyers *Furor* e *Pluton*.

Por esta resenha se pode avaliar o quanto a marinha de guerra espanhola tem progredido desde a guerra com os Estados Unidos da America do Norte, em que perdeu as suas colonias mais longíquas e importantes, e em que viu o seu orçamento fortemente sobrecarregado com as grandes despesas que uma guerra acarreta para o vencido.

Entre nós, depois de, também por essa epoca, a nossa marinha de guerra, e graças à patriótica iniciativa do Conselheiro Jacinto Candido da Silva, ter sido dotada de quatro unidades, do tipo mais moderno de então, (cruzadores *D. Carlos I*, *S. Gabriel*, *S. Rafael* e *Rainha D. Amelia*, este ultimo saído do nosso arsenal assim como a canhoneira *Patria*¹ que tão bom serviço tem prestado em Macau) e do cruzador *Adamastor* adquirido com o produto da grande subscrição Nacional aberta por ocasião do ultimatum Inglês, o nosso livro de contas correntes de unidades navais que nos representem condignamente lá fóra, nos pontos distantes do globo, onde a colonia portuguesa é muito consideravel, só está, bem a nosso pesar, escriturado na casa das despesas, motivo porque fazemos os mais ardentes votos para que os que podem, envidem os seus esforços, apliquem os seus altos dotes de inteligencia para dotarem a nossa marinha, com o material indispensavel, para ela desempenhar a sua missão como outr'ora tão brilhantemente desempenhou.

E que nos seja desculpada esta variante que, instintivamente, nos saiu dos bicos da pena ao apreciarmos o desenvolvimento da marinha de Espanha, que está cuidando a sério dos assuntos navais. Cuidemos também nos nossos.

¹ Foi construída com os fundos enviados pela colónia Portuguesa no Brasil.

Estados Unidos da America do Norte

Novos couraçados de 42:000 toneladas.—Duas destas colossais unidades norte-americanas, autorizadas pelo Congresso, serão construídas no arsenal de Brooklyn estando já aprovada a construção das carreiras para tais monstros. Devem ser armados com 12 peças de 406 milímetros e 50 calibres e atingir a velocidade de 25 milhas. São actualmente os maiores navios de guerra do mundo, em construção, para servirem eficazmente na parece que proxima Sociedade das Nações, como garantia de um longo período de paz futura.

Inglaterra

Sua quota parte nas perdas sofridas no mar.—Mr. Archibald Hurd num artigo escrito no «Daily Telegraph» com o fim de desfazer a impressão de que o custo da vitoria foi relativamente pouco elevado para os ingleses, frisa as suas perdas no mar em comparação com as das outras nações aliadas e neutras. Demonstra assim quanto fabuloso foi o preço por que pagou a guarda dos mares e baseia a sua lista num laborioso estudo feito sôbre as listas do Lloyd register.

É certo que, se assim não acontecesse, as marinhas mercantes inglesa, francesa e italiana, seriam forçadas a retirar-se dos mares, e os Estados Unidos Norte Americanos não poderiam transportar para a Europa, a maioria das suas forças, num prazo de tempo relativamente curto, forças que fizeram pender a balança na frente ocidental, em favor dos Aliados.

Eis as perdas sofridas:

Gran-Bretanha e seus Dominios 9:055:668 toneladas; Estados Unidos Norte Americanos 531:038; Belgica 105:081; Estados Unidos do Brasil 31:279; Dinamarca 245:302; Holanda 229:041; França 897:077; Grecia 414:675; Italia 861:435; Japão 270:035; Noruega 1:171:760; Espanha 237:862; Suecia 264:061.

Portugal, o sempre esquecido pequeno Portugal, segundo Mr. Archibald Hurd, não perdeu tonelagem alguma. Veja-se a *Revista Militar*, de Fevereiro, paginas 122.

Termina o seu artigo, dizendo que o Reino Unido precisa construir a totalidade da sua marinha mercante, tão depressa o possa fazer. Essa divida, diz, foi contraída durante a guerra, e o caso da Inglaterra é distinto do das outras Nações que não são ilhas nem eixos de impérios marítimos. Além do que, as cifras acima citadas não patenteam o número de vidas perdidas, valor dos carregamentos, e os enormes prejuizos causados pela retirada dos barcos britannicos das linhas comerciais, com o fim de socorrer os Aliados e transportar, como acima ficou dita às tropas americanas.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Espanha

- 1 *Estadística del reclutamiento y reemplazo del ejército*. Trienio 1915-1917. Dirección General del Instituto Geográfico y Estadístico. Madrid, 1918.
- 2 *Anuario técnico y industrial de España*, edición para 1918 (año IV). Redacción y Administración, Lagasta, 5, Madrid.
- 3 *Información de Estudios y Experiencias realizadas por la Escuela Central de Tiro del Ejército*. Sección de Infantería.
- 4 Comandante BALANZAT TARRONTEGUI. *Tropas de montaña*. Opusculo.

França

- 1 VIC. *La littérature de guerre. Manuel méthodique et critique des publications de langue française*. (Août 1914-août 1916). Préface de M. Gustave Lauson Paris, Payot & C^{te}, 1918.
- 2 *Technologie chroniche Lycett. Dictionnaire technique de l'aviation anglais-français et français anglais*. Paris, H. Dunot et E. Pinat, 1918.
- 3 BARBY. *Avec l'armée serbe, de l'ultimatum autrichien à l'invasion de la Serbie*. Paris, Michel.
- 4 REINACH. *La guerre de 1914-1918. Les Commentaires de Polybe*. Paris, Fasquelle.
- 5 GRAUX. *Les fausses nouvelles de la grande guerre de 1914*. Paris, Edition française illustrée.

Inglaterra

- 1 B. E. F. «Times» (The). *A Facsimile Reprint of the Trench Magazine*. Folio. H. Jenkins net 7/6
- 2 BARKER (E.). *Mothers and Sons in War Time, and other pieces*. Reprinted from the Times. New and enlarged edition. Cr. 8vo, pp. 120. A. L. Humphreys net 3/6
- 3 BARRIE (J. M.). *Échoes of the War*. 2nd edition. Cr. 8vo, pp. 668. Hodder & S. net 6/
- 4 BATEMAN (Charles T.). *U-Boat Devilry*. Illustrating the Heroism and Endurance of Merchant Seamen. Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. net 3/6
- 5 BIRMINGHAM (G. A.). *A Padre in France*. Cr. 8vo, pp. 302. Hodder & S. net 6/
- 6 BOWES (Joseph). *The Anzac War Trail*. Cr. 8vo, pp. 281. Oxford Press net 5/
- 7 DEPEW (Gunner). *By himself, Albert N. Depew*. 8vo, pp. 304. Cassell. net 6/
- 8 DOYLE (Arthur Conan). *The British Campaign. In France and Flanders, 1914*. 8vo, pp. 359. Hodde & S. net 7/6
- 9 DUELL (Rev. J. C. V.). *Whizzbangs and Woodbines. Tales of Work and Play on the Western Front*. Cr. 8vo, pp. 197. Hodder & S. 3/6

- 10 ELLISON (Wallace). «Escaped!» *Adventures in German Captivity*. Cr. 8vo, pp. 319. *Wm. Blackwood* net 6/
- 11 GALTREY (Capt. S.). *The Horse and the War*. Illustrated from Drawings by Capt. L. Edwards. With a Note by Field-Marshal Sir D. Haing. 8vo, pp. 131. «*Country Life*» net 6/
- 12 GILLAM (Major John). *Galli-Poli-Diary*. 8vo, pp. 328. *G. Allen & U.* net 12/6
- 13 GLYN (Elinor). *Destruction*. 18mo, pp. 30. *Duckworth* net 2/
- 14 HAIG (Richard). *Life in a Tank*. Cr. 8vo, swd., pp. 183. *Hodder & S.* net 2/
- 15 HENDERSON (Rev. George). *The Experiences of a Hut Leader at the Front*, Illustrated. Cr. 8vo, pp. 156. *A. Gardner* net 3/6
- 16 HEWETT (Stephen H.). *A Scholar's Letters from the Front*. With an Introduction by F. F. Urquhart. Cr. 8vo, pp. 132. *Longmans.* net 5/
- 17 HODGSON (Edward S.). *Dictionnaire de termes d'Artillerie*, etc., en 3 langues. Tome 11. Français—Italien—Anglais. 18mo, pp. 115. *Griffin* net 5/
- 18 HOPWOOD (Captain Ronald A.) *The Secret of the Ships*. Cr. 8vo, pp. 64. *J. Murray* net 3/6
- 19 HOUEHOLD (H. W.). *Fighting for Sea Power*. In the Days of Sail. 18mo, pp. 236. *Macmillan* 2/
- 20 KENSIT (J. A.). *Is Rome Behind War?* Cr. 8vo, pp. 64. *Protestant Truth Soc.* 1/
- 21 LAWSON (Harry Sackville). *Letters of a Headmaster Soldier*. Cr. 8vo, pp. 143. *Allenson* net 2/
- 22 LAKE (Simon). *The Submarine in War and Peace*. Its Developments and its Possibilities. 8vo, pp. 314. *Lippincott* net 12/6
- 23 NEYINSON (Henry W.). *The Dardanelles Campaign*. 8vo, pp. 449. *Nisbet* net 18/
- 24 NOBLE (Edward). *The Naval Side*. 8vo, pp. 293. *C. Pulmer & H.* net 7/6
- 25 O'GORMAN (John). *The Dough-Boys*. Cr. 8vo, pp. 330. *H. Jenkins* net 6/

Italia

- 1 *Armi portatili Anfossi. Armi ausiliarie da trincea*. Caserta, E. Marino, 1918.
- 2 CIPRIANI. *Il tiro senza calcoli*. Rovigo, Tipografia Popolare, 1918.
- 3 *Norme generali per la esecuzione dei lavori assegnati agli ufficiali del genio*. (2ª edizione). Cavarzere, Tranzoso e Ocellieri, 1918.
- 4 BIANCHI. *Geografia descrittiva del teatro della operazioni di guerra italiani*. Studio compilato ad uso dei corsi allievi ufficiali di complemento. Novara. Istituto Geografico De Agostini, 1918.
- 5 CATELLANNI. *Italy and Austria at war. English version* by Helen Zimman and Agnes Mccaskill. Florence, G. Barbèra (Alfani e Venturi), 1918.
- 6 CATELLANI. *L'Italie et l'Autriche en guerre*. Florence, G. Barbèra (Alfani e Venturi), 1918.
- 7 RABBENNO. *Note sul girostato e sulle sue moderne applicazioni, ridotte per uso degli allievi della R. Accademia Navale*. Livorno, tip. R. Accademia Navale, 1918.
- 8 SAVIOTTI. *Manuale per l'ufficiale in guerra, ad uso esclusivo degli allievi ufficiali di complemento*. Caserta, E. Marino, 1918.
- 9 G. RONCAGLI (comandante). *Il problema militare dell'Adriatico spiegato a tutti*. Roma, Regia Società Geografica Italiano, 1918. L. 2
- 10 MAFFI. *La Marina Italiana nelle operazioni di terra*. Milano, Alfieri e Lacroix.
- 11 ANTONA-TRAVERSI. *La guerra vista da Parigi (1914-1915)*. Campobasso, Colitti.

- 12 *La scuola e la guerra. L'opera dell'esercito italiano nei territori rivendicati.* Milano, Alpieri e Lacroix.

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 10 de outubro de 1918. O navio de commercio A construção naval. Sintese harmonica de marés e respectiva pratica para a hora dada. As operações costeiras e os progressos da tecnica naval.
- 2 *Boletim oficial do ministerio de instrução publica*, n.ºs 20 a 22 de outubro a dezembro de 1917. Universidade de Lisboa — A sua missão social (continuação). O ensino secundario (continuação). Escola de Historia, Geografia, Lingua e Literatura portuguesa em Honolulu (relatorio). Escolas primarias officiais existentes em 31 de Dezembro de 1915 (estatisticas) — distritos de Lisboa e Porto. Secção official.
- 3 *O Instituto*, n.º 10 de outubro de 1918. Curiosidades historicas e artisticas. Simpatia. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Dois inéditos acerca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Corvo.
- 4 *O Oriente Português*, n.ºs 7 e 8 de julho e agosto de 1918. Para a historia das revoltas em Goa (continuação). Relação completa das religiosas do mosteiro de St.ª Mónica de Goa, Igreja de Oxel em Bardês. Conselhos Governativos do Estado da India. Publicações recebidas. N.ºs 9 e 10 de setembro e outubro. Padreado português no Oriente. Bens pertencentes ao padreado da India. Para a historia das revoltas em Goa (conclusão). *Vária variorum*.
- 5 *Revista de Artilharia*, n.ºs 169 a 171 de julho a setembro de 1918. A defesa terrestre do Campo Entrincheirado de Lisboa. Notas que trouxemos de França (continua). Variedades. Noticiario. Bibliografia.

Brasil

- 1 *Boletim mensal do Estado Maior do exercito*, n.ºs 5 e 6 de maio e junho de 1918. A França (hontem e hoje). Pontaria em altura. Metralhadoras. Pontaria indirecta — Observatorio que não vê a bateria. A influencia da guerra européa sobre a arte da fortificação passageira. Noticiario. Actos officiais. Secção bibliografica. — N.ºs 1, 2 e 3 de julho, agosto e setembro de 1918. Hierarquia militar. A cavalaria de amanhã no exercito suiço. Historia das fortificações do Brasil. Noticiario. Necrologia. Actos officiais. Secção bibliografica.
- 2 *O tiro de guerra*, n.º 12 de dezembro de 1918. A Paz. Comentarios depois da guerra. Organização material e tactica das marchas (continuação). Pontos para os exames de reservistas. A alma da Patria. Do verdadeiro educador. Directoria geral do tiro de guerra. O tiro dos Estados. Inauguração do stand do tiro 348 de Vila Braz. Entrega da bandeira ao tiro 536. Instruções para as sociedade de tiro.
- 3 *Revista Militar do Brasil*, n.º de agosto de 1918. Um notavel discurso sobre o orçamento da guerra. O corpo de intendentes e os serviços de administração do exercito. A nova edição do R. E. I. — Regulamento de exercicios para infantaria (continuação). Desenvolvimento do estudo dos explosivos. Como se produzem os gazes asfixiantes. A questão do monte-pio (continuação). Opiniões juridicas sobre o alistamento militar. O recrutamento de estrangeiros. Legislação. Jurisprudencia. Floriano Peixoto — Reminiscencia de uma epoca de civismo nacional (continuação). Os serviços telegraficos, sua legislação e a De-

feza Nacional (continuação). O desenvolvimento da instrução publica. Um exercicio de manobra do tiro 11. Mez militar. Bibliografia. N.º de setembro-outubro de 1918. A cooperação militar do Brasil na grande guerra. A vitoria de Fôch. A questão dos estados-maiores. Instrução militar — Noções sobre embarques. Pirotecnica militar. Deveres de um subalerno de artilharia de campanha em França. Novas medicações. A questão das policias militares e o seu regimen penal (continuação). Legislação. Jurisprudencia. Floriano Peixoto — Reminiscencias de uma epoca de civismo nacional (continuação). O movimento religioso no exercito. Os serviços telegraficos, sua legislação e a Defesa Nacional (continuação). A oportunidade na guerra. Defeitos e vantagens da iluminação a gaz. Mez militar. Necrologia. Expediente. Bibliografia.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejército de Colombia*, n.º 77 de novembro de 1918. Cuestiones reglamentarias. El compás «Kirchner». La batalla vista por el lado de los jefes. Conferencia sobre el empleo de la artilleria en la defensiva (conclusión) Bibliografia. En el ejército.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 32 de outubro de 1918. Los oficiales y los conscriptos. Algunos documentos alemanes capturados. Impresiones de una visita a los ejércitos británico y francés que operan en territorio de Francia (conclusión) Una consideración retrospectiva de las ofensivas alemanas de mil novecientos diez y ocho. Camouflage destinado a ocultar las tropas en campaña de los aviones. Granadas de mano. El nuevo cañón de 16 pulgadas (406^{mm}) de la marina norte americana. La guerra y la cirujia. Etc.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 6 de Dezembro de 1918. Um pequeno ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infanteria. Apuntes historicos: 1916-1917. Flores del heroismo. Organización del ejército. Revista extranjera. Revista de la prensa. Índice del tomo.
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de dezembro de 1918. Intervención del Cuerpo de Artilleria en la investigación de la industria civil para su movilización en caso de guerra. La artilleria pesada portuguesa de gran potencia, en Francia. Algunas indicaciones acerca del problema de la lubricación. Cronica. Variedades. Miscelánea. Bibliografia. Etc.
- 3 *Memorial de caballeria*, n.º 30 de dezembro de 1918. Acción táctica de las ametralladoras de caballeria. Estudio sobre el acuerdo de las ayudas entre si y de estas con los movimientos del caballo (conclusión). El cuartel como valor educativo nacional (continuação). Caballos árabes, marroquies y argelinos. El armisticio con Austria-Hungria — Ultimas operaciones en el frente occidental. Los ejércitos beligerantes. El factor decisivo (conclusión). Revista de Revistas. La casa solariega. — Lo que fué... lo que es... lo que será. Datos de las kabilas de la región de Yebala. Carreras de caballos: En Madrid (conclusión). Etc. N.º 31 de janeiro de 1919. El cuartel como valor educativo nacional (continuação). Estudio acerca de la organización del Ejército alemán en la primavera de 1914. Estudio critico de la reorganización del ejército francés antes del comienzo de la guerra europea.

Consideraciones sobre cria caballar en la zona pecuaria del 5.º Depósito de caballos sementales. La posición del ejército frente a las enseñanzas de la guerra mundial. Revista de Revistas. Las huérfanas de Santiago. Datos de las kabilas de la región da Yebala (conclusión). Noticias militares. Etc.

- 4 *Memorial de infantería*, n.º 84 de janeiro de 1919. La iniciativa en la guerra (continuación). Impresiones de un curso de tiro en Valderwers (continuación). Ametralladora reglamentaria Colt (conclusión). Carabina Mauser modele 1895. Resumen general de la instrucción de tiro en 1917. Sobre enseñanza de la gimnasia (continuación). Acta de los jefes que asistieron al curso de tiro de infantería en 1918. Ligeras observaciones sobre granadas de mano. Métodos de ataque en la guerra europea. Los gases asfixiantes. proyectiles que matan sin herir. Protección de los cristales contra los bombardeos. La Escuela de Guerra portuguesa. La guerra europea. Noticias militares. Revista de revistas. Bibliografía. Etc.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de outubro-novembro de 1918. La nostra guerra. Sur la pyrostatique. Calcolo rapido delle travi di cemento armato. Bombarde austro-ungariche. Il fucile automatico Browning e la metragliatrice Browning. Notizie. Bibliografía.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º 12 de 15 de dezembro de 1918. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. Come il volontario Luigi Majnoni fu promosso Sottotenente per merito di guerra. Cronaca degli avvenimenti di guerra dall'agosto 1915 (continuazione). Pagine di guerra (continuazione). Pagine di guerra (continuazione). Libri — Riviste. Giornali. Necrologi. Parte Ufficiale.

Mexico

- 1 *Revista del ejército y marina*, n.ºs 9 e 10 de setembro e outubro de 1918. Heroicos cadetes! El Grito de Dolores. Ecos de nuestro desfile militar. Circular del Casino Militar. Relación de calificaciones — Grupo «A» — Legión de Honor. La Marina Nacional. Los Problemas Zootecnicos Militares de México. La Caballeria mexicana y su mejoramiento en el porvenir (continua). Proyecto de Reglamento de Uniformes para el ejército (continua). El torpedo como máquina de guerra. Nuevos datos sobre el cañon alemán. Solución de temas tácticos aplicados sobre la carta. La artilleria en la defensiva (continua). Resistencia de materiales (continua). Topografía Salvador. Efemérides militares mexicanas (setembro). Sección amena.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 10 de outubro de 1918. Enkelte betragtninger over det russiske forsvarssystemets organisation og de russiske stridskræfters strategiske opmarsj ved verdenskrigens udbrudd. Hvorfor har infanterivaabenet e den paagaende krig formaadd at gjøre sig saa litet gjældende? Psvkotechnik. Underofficerer-officerer. Meddelelser fra ind og utland. N.º 11 de novembro. Det 1. Weichselslag. Det franske kavaleri under krigen. Krigen XXXIV. Meddelelser fra ind-og utland. Boker.

Peru

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra y marina*, n.º 9 de setembro de 1918. Ejercicios de Servicio en Campaña aplicados a la Artilleria de Montaña. La preparación de la caballeria en vista de la guerra. Estudios y

conclusiones de la conferencia quirúrgica inter-aliada (continuación). Crónica de las acciones de la caballería en la guerra de las naciones (continuación). Algo sobre el cuidado y el manejo del caballo. Cronica extranjera. Bibliografía. N.º 10 de outubro. Nuestra organización de guerra. Organización y movilización. La caballería en la guerra actual. Caballería. Cronica extranjera. Seccion oficial. Bibliografía.

Suissa

Revue militaire suisse, n.º 12 de dezembro de 1918. En l'année militaire dix-neuf cent-dix-neuf. L'éducation militaire et le moral de nos soldats (fin). La mitrailleuse et le fusil automatique Browning. (Etats-Unis. Chronique suisse. Chronique internationale. Chronique portugaise. Chronique des Etats-Unis. Informations. Bulletin bibliographique. Table des matières. N.º 1 de janeiro de 1919. La transformation de l'armée des Etats-Unis. La victoire belge des Flandres. Le corps d'armée des femmes dans l'armée britannique. Chronique suisse. Bulletin bibliographique.

ERRATA

Na *Revista Militar*, n.º 2—Fevereiro—1919—a gravura (pag. 99), que acompanha o artigo *Alvo regulador de pontarias* está na escala 1/40 e não 1/20 como foi publicado; a escala da gravura (pag. 101), que acompanha o artigo *Cavalete de pontarias* está na escala 1/20 e não 1/10, como também foi publicado.